# RESIDENT EVIL™

## VOLUME II

## CALIBAN COVE

S.D.PERRY

BASED ON THE BESTSELLING VIDEOGAME FROM CAPCOM

**S.D. PERRY**

# RESIDENT EVIL

**Livro 2**

# CALIBAN COVE

Tradução de Raphael Lima Vicente
Formatação ePub de LeYtor

**Pocket Books**
1998

Estrada dos Livros
Me dê um livro, que eu lhe dou um sonho

www.estradadoslivros.org

Acreditamos que toda forma de cultura tem o seu valor

Use este arquivo somente como amostra e retire de seu dispositivo em até 24 hrs

Recomendamos que se possível, adquirir a obra do autor ou editora

Resident Evil: Caliban Cove

Autora: Stephani Danele Perry.
Editora: Pocket Books (U.S.A.)

Tradução/Resumo: Raphael Lima Vicente [F.Y.F.R.E. Team]
Tradução iniciada em: 13 de Maio de 2000.
Tradução terminada em: 20 de Outubro de 2000.

Resident Evil TM & © 1998
Capcom Co., Ltd
© 1998 Capcom U.S.A., Inc.

# PRÓLOGO

**Raccoon Times** – 24 de Julho de 1998

**"Mansão de Spencer destruída em incêndio explosivo"**

RACCOON CITY – Aproximadamente às 2 A.M. de Quinta-feira, os moradores do distrito de Victory Lake foram acordados por uma explosão que trovejou através do noroeste de Raccoon Forest, aparentemente causada por um incêndio que ocorreu na mansão abandonada de Spencer e aprimorada pelos produtos químicos guardados no subsolo. Devido às barricada colocadas no perímetro da floresta (por causa dos recentes assassinatos em Raccoon City), os bombeiros foram incapazes de salvar o que restou dela. Depois de três horas de batalha contra o fogo enfurecido, a mansão de trinta e um anos e a adjacente casa de empregados foram complemente arruinadas. Construída pelo Lorde Oswel Spencer, aristocrata europeu e um dos fundadores da companhia farmacêutica Umbrela Inc, a propriedade foi projetada pelo premiado arquiteto George Trevor como hospedaria para as pessoas importantes da companhia, mas foi fechada logo depois de finalizada por razões desconhecidas. Segundo Amanda Whitney, porta voz da Umbrela Corporation, partes da mansão estavam sendo usadas para estocar agentes de limpeza industriais e solventes usados pela Umbrela. Whitney disse numa coletiva ontem que a companhia assumiria toda a responsabilidade pelo infeliz acidente, chamando-o de “um sério descuido de nossa parte. Esses produtos químicos deveriam ter sido tirados de lá há muito tempo, e nós estamos gratos por ninguém ter se machucado”.Até agora, a causa do incêndio é desconhecida, e Whitney continuou dizendo que a Umbrela estará trazendo seus próprios investigadores para peneirar as ruínas esperando saber o ponto de origem do incêndio...

**Raccoon Weekly** – 29 de Julho de 1998

**"S.T.A.R.S. tirado da investigação dos assassinatos"**

RACCOON CITY – Num surpreendente pronunciamento de oficiais numa coletiva ontem, o Esquadrão de Táticas Especiais e Resgate (S.T.A.R.S.) foi oficialmente removido das investigações dos nove assassinatos brutais e cinco desaparecimentos que ocorreram nas últimas dez semanas. O membro do conselho da cidade, Edward Weist, citou incompetência

como principal razão para a remoção do S.T.A.R.S.

Os leitores devem se lembrar que a primeira ação do S.T.A.R.S., depois de ser designado para cuidar dos casos na semana passada, foi vasculhar o noroeste da floresta pelos assassinos canibais. Weist declarou que foi a “conduta não profissional” que resultou na destruição de um helicóptero e na perda de seis dos onze membros, incluindo o comandante do S.T.A.R.S., Capitão Albert Wesker.

“Depois da má conduta na floresta”, disse Weist “nós decidimos deixar o caso nas mãos do R.P.D.. Nós temos razões para acreditar que o S.T.A.R.S. deve ter ingerido drogas e/ou álcool antes da missão, e suspendido o uso de seus serviços indefinitivamente”.

Weist estava acompanhado por Sarah Jacobsen (representando o Prefeito Harris) e o representante da polícia, J.C. Washington, para fazer o pronunciamento e responder perguntas. Nem o chefe da polícia, Brian Irons e nem os sobreviventes do S.T.A.R.S. podem ser alcançados para comentários...

**Cityside** – 3 de agosto de 1998

**"Início do incêndio considerado acidental"**

RACCOON CITY – Depois de uma completa investigação por oficiais dos bombeiros trabalhando com a IDS (Industrial Services Division / Divisão de Serviços Industriais) da Umbrela Inc., o incêndio que destruiu a mansão de Spencer foi causado pelo descuido de pessoa ou pessoas desconhecidas, como foi anunciado numa coletiva ontem. O líder da IDS, David Bischoff disse, “parece que alguém tentou começar uma fogueira em um dos quartos da mansão e a situação saiu do controle. Nós não encontramos nada que sugere um incêndio proposital ou uma brincadeira de algum tipo”. Ele continuou falando que a destruição foi total, e não há evidências de que alguém foi pego pelo fogo ou pela explosão que se seguiu.

O Chefe Brian Irons do Departamento Policial de Raccoon City estava presente na conferência, e lhe foi perguntado se ele acreditava haver alguma conexão do incêndio com os assassinatos e desaparecimentos, e Irons respondeu que não há como ter certeza. “Até agora, tudo o que eu falar será só especulação – eu diria que o fato de os assassinatos terem parado desde a noite do incêndio, pode significar que os assassinos estavam escondidos lá. Nós só

podemos esperar que eles tenham deixado a área para que em breve sejam presos”.

Chefe Irons recusou comentar as acusações de má conduta do S.T.A.R.S. em sua breve atuação na investigação dos assassinatos, só dizendo que concordava com a decisão do conselho da cidade e que ações disciplinares estão sendo consideradas...

# Capítulo 1

Rebecca Chambers estava andando de bicicleta na escuridão das ruas de Cider District (Nota 1) sob a luz da lua brilhando no céu. Apesar de ainda ser cedo as ruas estavam desertas, obedecendo o horário de recolher da cidade. Ninguém menor de dezoito anos deveria sair até que os assassinos sejam pegos e presos. Este tem sido um tenso e quieto verão em Raccoon City...

Ela passou por casas silenciosas onde só a luz da televisão podia ser vista através da janela. As pessoas aguardavam trancadas em suas casas esperando a notícia de que os assassinos foram presos e a cidade estava à salvo.

*Se eles soubessem...*

Estes tem sido treze longos dias desde o pesadelo da mansão de Spencer. Jil, Chris, Barry e ela mesma foram acusados de estarem drogados. Depois de serem afastados dos casos, até o RPD recusou a acreditar no S.T.A.R.S.. Agora, com a Umbrela assumindo a investigação sobre o incêndio, provavelmente se livrando das provas...

– Não seria tão simples. Uma das maiores e mais respeitadas companhias farmacêuticas do mundo fazendo experiências com armas biológicas num laboratório secreto – Se eu não soubesse de nada, eu provavelmente acharia isso uma loucura.

Rebecca e os outros devem se cuidar antes que algum agente seja enviado para atacá-los.

Ela estava usando um revólver snub-nosed. 38 da coleção de Barry esperando não precisar mais dela depois desta noite.

Virando à esquerda na Rua Foster, Rebecca pedalou em direção a casa de Barry pensando que ele convocou a reunião, provavelmente por que recebeu ordens do escritório principal.

*Talvez eles me movam para algum laboratório, e estudar o vírus. Tecnicamente eu ainda sou uma Bravo; não há motivo de me quererem no campo de batalha...*

*Sem dúvida esse seria o melhor modo de usar os meus talentos.*

Os outros eram soldados experientes e Rebecca só está a cinco semanas no S.T.A.R.S.. Sua

primeira missão foi a de Raccoon Forest *(Nota 2)* que exterminou todos de seu time incluindo outros no segredo da Umbrela. Ela sabia que trabalhando no T-virus seria a maior contribuição que ela daria para acabar com a Umbrela.

Rebecca parou no final do quarteirão, em frente a uma enorme casa de dois andares amarelo-claro no estilo vitoriano, olhando em volta por algo suspeito antes de descer da bicicleta. Os Burton vivem próximo a um parque cheio de árvores no subúrbio.

Levando a bicicleta até a varanda viu que se passaram vinte minutos desde a ligação de Barry.

Antes de bater na porta, ele a abriu. Vestindo uma camisa e calça jeans, ele a deixou entrar dando uma rápida olhada antes de fechar a porta.

"Você viu alguém", Barry perguntou com sua Colt Python no coldre parecendo um cowboy.

"Não, ninguém". Ela respondeu.

"Chris e Jil estarão aqui a qualquer momento. Você quer um café?" Barry parecia tenso.

"Não, obrigado. Talvez água..."

"Sim, claro. Vá em frente e se apresente, eu voltarei num minuto".

Antes de perguntar se algo estava errado, ele foi para a cozinha.

"Me apresentar? O que está acontecendo?

Ela foi até a sala e parou assustada ao ver um homem estranho sentado no sofá. Ele se levantou assim que ela apareceu. Ele usava jeans, camisa, sapatos e uma Beretta 9mm, padrão do S.T.A.R.S.. Era alto, fisicamente como um nadador, olhos e cabelos escuros.

"Você deve ser Rebecca" ele disse revelando seu sotaque Britânico. "Você é a bioquímica, certo?"

"Trabalhando nisso. E você é..."

"Desculpe os meus modos, por favor. Eu não esperava... isto é, eu...? ele parou em volta da mesinha de centro de Barry estendendo a mão. "Eu sou David Trapp, do S.T.A.R.S. Exeter em Maine *(Nota 3)*."

Ela se acalmou.

O S.T.A.R.S. mandou ajuda ao invés de ligar, ótimo.

"Então, você é algum observador ou algo assim?

"Como?"

"Para a investigação – há outras equipes aqui, ou você veio para checar antes..."

"Desculpe ter que que dizer isso Srta. Chambers. Eu tenho razões para acreditar que a Umbrela tem chantageado ou subornado outros membros do S.T.A.R.S.. Não há investigação e ninguém está vindo".

Barry entrou na sala com o copo d'água e Rebecca o pegou agradecidamente, bebendo metade dele em um gole.

"Ele te disse, né?" Barry disse.

"Jil e Chris sabem?" ela perguntou.

"Ainda não. Por isso eu liguei. Nós devemos esperá-los para não passar por isso duas vezes".

"Concordo". David disse.

Barry começou a contar como ele e David se conheceram no treinamento do S.T.A.R.S. quando jovens. David ouvia enquanto Barry falava sobre a noite de graduação envolvendo um sargento mau humorado e várias cobras de borracha.

*– Dezessete anos atrás.*

Ela deveria estar comemorando seu primeiro aniversário.

Bateram na porta, provavelmente os dois Alphas. Barry foi atender.

"Jil Valentine, Chris Redfield, este é o Capitão David Trapp, estrategista militar do S.T.A.R.S. Exeter em Maine".

David os cumprimentou e todos se sentaram.

"David é um velho amigo meu. Nós trabalhamos juntos no mesmo time por uns dois anos.

Ele apareceu aqui há uma hora com novidades e não achei que isso poderia esperar. David?".

"Como vocês devem saber, seis dias atrás, Barry ligou para vários departamentos do S.T.A.R.S. para saber se alguma declaração foi recebida sobre o que aconteceu aqui. Eu recebi uma dessas ligações. Eu descobri que o escritório de Nova York não contatou ninguém sobre a descoberta. Nenhum aviso ou memorando".

Após alguns minutos de discussão, David se levantou e disse:

"Parece que existe outro laboratório da Umbrela na costa de Maine, conduzindo experimentos com seus vírus – e como aconteceu aqui, eles perderam o controle".

David virou-se para Rebecca e disse:

"Eu estou levando um time para lá sem autorização do S.T.A.R.S. e eu quero que você venha com a gente".

Chris ainda estava intrigado com a despreocupação do S.T.A.R.S. sobre o acontecido e agora outro laboratório!

*E ele quer levar a Rebecca...*

"Eu conversei com o pessoal do meu time e todos concordaram que vai ser difícil sem ninguém para nos dar cobertura. Nós só queremos entrar, coletar algumas evidências sobre o T-virus e voltar antes que alguém saiba que estamos lá".

"Eu também vou". Chris interrompeu.

"Todos nós vamos". Barry disse.

David balançou a cabeça. "Olha, essa não é uma operação em grande escala; cinco pessoas já estão escaladas.

A Rebecca tem o conhecimento que nós precisamos para achar os dados do vírus sabendo que sintomas procurar".

Depois de muita conversa David consegue convencer os três Alphas a ficarem. Agora a escolha é de Rebecca.

"Que informações você tem?" Jil perguntou. "Como você descobriu sobre o laboratório?

David abriu sua pasta e tirou o que pareciam ser cópias de jornais e um simples diagrama. "Logo depois de ter falado com o escritório central, eu recebi a visita de um estranho homem que dizia ser um amigo do S.T.A.R.S.... ele me disse que seu nome era Trent, e me deu tudo isso".

"Trent!". Jil disse.

David olhou para ela intrigado. "Você o conhece?".

"Um pouco antes de nós decolarmos para resgatar o Bravo Team, Um homem chamado Trent me deu informações sobre a mansão, e me alertou sobre o Wesker".

Barry continuou. "E Brad disse que Trent lhe deu as coordenadas da mansão logo depois de Wesker ter ativado o sistema de destruição. Se ele não tivesse dito, nós teríamos explodido com o resto da casa".

Chris sentiu uma dor de cabeça. O S.T.A.R.S. trabalhando para a Umbrela, outro laboratório e agora o Trent de novo.

David começa a lembrar do seu breve encontro com Trent há cinco dias atrás, tentando ver se esqueceu de dizer alguma coisa.

Ele tinha chegado do trabalho e estava chovendo, uma tempestade de verão que amenizou a leve batida na porta. David olhou no relógio e foi até a porta imaginando quem seria àquela hora da noite. Ele vive sozinho e não tem família; devia ser do trabalho ou alguém com problemas no carro...

Abrindo a porta, ele viu um homem numa capa de chuva preta em sua varanda com água escorrendo pelo rosto.

"David Trapp?". Perguntou um homem alto e magro, alguns anos mais velho que David, quarenta e dois ou três.

"Sim?".

"Meu nome é Trent e tenho algo para você!".

"Eu te conheço?"

"Não, mas eu te conheço, Sr. Trapp. Eu também sei com o que você está lidando. Acredite

em mim, você precisará de toda a ajuda que conseguir".

"Eu não sei do que você está falando. Você deve ter me confundido com outra pessoa".

"Sr. Trapp, está chovendo e isso é para você."

Confuso, David abriu a porta e pegou o envelope. Assim que o fez, Trent se virou e foi embora.

Jil e Rebecca estavam estudando os mapas enquanto Barry e Chris trabalhavam nos artigos de jornal. Os quatro, concentrados na pequena cidade costal Caliban Cove em Maine. Todos estavam preocupados com desaparecimentos de pescadores locais, todos considerados mortos.

O mapa era do trecho costeiro da cidade. David pesquisou sobre ele e descobriu que foi comprada por um grupo anônimo há alguns anos. Tinha um farol abandonado na beira norte da enseada, no alto dos rochedos que era supostamente cheia de cavernas marítimas. Mostrava também algumas estruturas atrás e embaixo do farol, descendo para um pequeno cais no sul. Estava escrito CALIBAN COVE em cima do mapa e abaixo, em letras menores, UMB. PESQUISA E TESTE.

O terceiro papel que Trent deu era o que David não entendia. Havia uma lista de nomes.

LYLE AMMON, ALAN KINNESON, TOM ATHENS, LOUIS THURMAN, NICOLAS GRIFFITH, WILLIAM BIRKIN, TIFFANY CHIN.

Jil pegou esse papel e leu.

"Alguma idéia do que isso significa?". David perguntou.

Jil falou sobre Wiliam Birkin, que constava no material que Trent havia dado a ela.

Rebecca pegou o papel assim que Jil olhou para David.

"Droga".

Todos olharam para ela.

"Nicolas Griffith está na lista". Rebecca disse.

"Você sabe quem é ele?". Perguntou David.

"Conheço, apesar de eu achar que ele estava morto. Ele era um dos maiores, um dos mais

brilhantes homens na biociência.

Se ele está com a Umbrela, nós temos mais com o que se preocupar do que o T-virus escapando. Ele é um gênio no campo de virologia molecular – e se as histórias são verdadeiras, ele é totalmente louco".

"O que você pode nos dizer sobre ele?". David perguntou.

Ela bebeu o resto da água em seu copo e olhou para David. "O quanto você sabe sobre o estudo dos vírus?".

"Nada, por isso eu estou aqui". Disse David, sorrindo um pouco.

"Bom, os vírus são classificados pela estratégia de reprodução e pelo tipo de ácido nucléico (RNA ou DNA) – este é o elemento especializado num vírus que autoriza a transferência do genoma para outra célula viva. Um genoma é um simples grupo de cromossomos.

De acordo com a Classificação de Baltimore, existem sete tipos distintos de vírus, e cada grupo infecta certos organismos de certo modo.

No começo dos anos sessenta, um jovem cientista de uma universidade particular na Califórnia desafiou a teoria, dizendo que havia um oitavo grupo – os dsDNA e ssDNA que poderiam infectar qualquer coisa em contato. Ele era o Dr. Griffith. A comunidade científica não aceitou a teoria".

Rebecca notou as expressões vazias no rosto dos colegas.

"Desculpa... Ele então, parou de tentar prová-la, sendo que muitas pessoas ainda estavam interessadas.

Ninguém mais ouviu falar nele. Meu professor, Dr. Vachss, disse que ele foi demitido da universidade por uso de drogas, mas rumores diziam que ele estava fazendo experiências em alguns de seus alunos. Nenhum deles falaria, mas um foi para o hospício e outro se suicidou. Isso nunca foi provado, mas depois disso ninguém o contrataria".

"Acaba aí?". David perguntou.

"Não. No meio dos anos oitenta, um laboratório particular em Washington foi encontrado

por policiais com três homens mortos por uma infecção viral – foi o Marburg, um dos vírus mais letais que existe. Eles estavam mortos há semanas; os vizinhos reclamavam do mau cheiro. Papéis encontrados pela polícia mostravam que os mortos eram assistentes do Dr. Nicolas Dunne. Os três se infectaram por um vírus que eles entendiam ser inofensivo, para que Dunne tentasse curá-los depois".

Rebecca lembrou das fotos das três vítimas do Marburg.

*De uma dor de cabeça inicial para extremas amplificações em questão de dias. Febre, coágulo, estado de choque, danos cerebrais, hemorragia por todos os orifícios – devem ter morrido em piscinas do próprio sangue...".*

"E o professor achou que ele era Griffith?" Jil perguntou.

"O nome de solteira da mãe de Griffith era Dunne". Disse Rebecca.

Depois da história, todos se calaram e Rebecca começou a fazer sua decisão.

Ela sabe que o laboratório em Caliban Cove deve estar cheio de pessoas como Griffith. Sem a ajuda do

S.T.A.R.S. nenhum lugar é seguro, mas seria a chance dela contribuir, de fazer o que ela sabe. Seria uma oportunidade de ouro estudar um vírus antes de alguém.

Rebecca suspirou fundo e disse com sua decisão feita.

"Eu vou com você. Quando iremos?".

Houve um silêncio na sala. Rebecca reparou as expressões no rosto deles até David falar.

"Certo, então. Tem um avião indo para Bangor *(Nota 4)* às 23:00. Eu acho que nós todos devemos fazer um plano aqui e depois ir para casa".

Rebecca escutou Barry abrindo a janela e voltando para junto deles. Eles começaram a discutir sobre o que fariam depois que Rebecca e David partirem.

Jil escutava a suave voz de David quando seu coração gelou ao ouvir sussurros nos arbustos no lado de fora da janela que Barry abriu.

*Umbrela.*

"Abaixem-se!". Jil gritou, saindo do sofá com Rebecca, assim que a janela estilhaçou ao som de um rifle automático.

David foi para o chão enquanto balas atingiam a poltrona a qual estava. Tufos de almofada flutuavam enquanto buracos enfumaçados apareciam na parede – reboque e madeira voando.

Houve um segundo de silêncio no tiroteio, suficiente para ouvir vidro quebrando nos fundos da casa.

A sala ficou escura assim que Barry atirou nas luzes. A luz do hal brilhava e mais tiros vinham do lado de fora.

Chris engatinhou sobre os cotovelos e joelhos e apagou as luzes adicionais. Agora está tudo escuro e o tiroteio parou.

David escutou passos sobre o vidro vindos da cozinha que pararam logo depois. Devem haver mais dois cobrindo as saídas. Mais passos na cozinha, devem estar esperando alguém se mover.

A visão de David se ajustou podendo ver Jil e Rebecca armadas do outro lado da mesinha.

A casa de Barry é a última da quadra e tem um parque logo atrás. Se eles conseguirem fugir, podem se esconder nas árvores.

David correu para a porta da frente enquanto Chris e Jil atiravam na direção da cozinha. Atrás dele, Barry e Rebecca corriam para a escada sob tiros. David estava a um passo da porta quando alguém a chutou, abrindo-a.

Ele se jogou na porta fazendo-a se fechar, depois rolou no chão e atirou cinco vezes. Algo pesado caiu na varanda logo depois.

David viu Jil e Chris subindo – ao por o pé no primeiro degrau, houve uma explosão atrás dele. A porta da frente foi destruída pelo time da Umbrela que procurava finalizar a batalha.

Dava para ver a luz da lua brilhando através da janela aberta. Jil já saiu e Chris na metade do caminho.

Ouviu-se vozes masculinas entrando pela porta da frente. Rebecca e Barry saíram.

Haviam árvores há uns vinte metros dali.

Um movimento no canto da casa e Rebecca não hesitou, atirando duas vezes – ele nunca mais se levantaria.

*Nunca atirei em alguém antes.*

Tiros vinham da janela – Rebecca podia senti-los acertando o chão perto de seus pés. Ela ouviu sirenes se aproximando e segundos depois cantadas de pneu.

Chris chegou num parquinho seguido de Jil, Barry e Rebecca.

"Cadê o David?". Chris perguntou.

Procurando nas sombras, ouviu-se dois tiros. Um terceiro mais alto e mais perto. Exceto pelo barulho das sirenes o parque estava quieto novamente.

Rebecca olhou sobre o ombro e viu David que ainda apontava sua Beretta para o atirador. Chris e Jil estavam próximos a ela segurando suas armas – e do outro lado estava Barry espalhado no chão. Ele não estava se movendo.

Houve escuridão e silêncio por um tempo indeterminado – e haviam vozes que flutuavam e não podiam ser identificadas. De algum lugar bem longe, ele ouvia sirenes.

*ele foi atingido*

*oh meu Deus*

*veja se está limpo*

*espera eu não consigo achar o ferimento me ajuda – Barry? Barry, você...*

"Barry você pode me ouvir?

Barry abriu e fechou os olhos imediatamente, reagindo a dor em volta de sua cabeça. Mas havia outra dor em seu braço esquerdo.

*Baleado, deu de cara numa árvore... ou algum idiota com um bastão de basebal.*

Ele tentava abrir os olhos enquanto mãos moviam-se sobre seu peito. As sirenes pararam por completo, apesar de ainda se poder ouvir carros de polícia tomando conta da rua, o som de potentes motores ecoando através do parque coberto de árvores.

"Braço esquerdo". Disse Barry começando a se levantar.

"Não se mexa". Rebecca disse firmemente. "Espere um segundo, tá bom? Chris, me dê a sua camisa".

"Mas a Umbrela". Barry falou.

"Tá tudo limpo". David disse, ajoelhando-se junto aos outros. "Aguenta firme".

Assim que ela terminou o curativo ele se levantou. Eles devem sair de lá antes que a polícia decida vasculhar a floresta – mas ir para onde? Nenhuma de suas casas eram seguras.

Todos estavam aliviados por não terem sido feridos, exceto David que parecia infeliz como Barry nunca o tinha visto antes.

"O homem que atirou em você," David disse levantando uma nove milímetros com um supressor preso, sangue pingando pelo cano da arma. "Eu o matei. Eu... Barry, era o Jay Shannon".

Barry ouviu as palavras não conseguindo aceitá-las. Era impossível. "Não, você não viu bem, está muito escuro...".

David se virou e caminhou em direção as árvores. Barry o seguiu.

A bala da Beretta de David fez um buraco no coração do homem; foi um tiro de sorte. Olhando para a pálida face do atirador, Barry sentiu seu coração virar pedra.

"Jesus, Shannon, por que? Porque?". Barry não se conformava.

"Quem é ele?". Jil perguntou suavemente.

Barry olhou para o homem morto incapaz de responder. David respondeu.

"Capitão Jay Shannon do S.T.A.R.S. de Oklahoma City. Barry e eu treinamos com ele."

Barry encontrou sua voz, ainda olhando para o rosto de Jay. "Eu liguei para ele semana passada, quando liguei para David. Ele estava preocupado conosco, disse que ficaria de olho na Umbrela...".

...e nós conversamos mais alguns minutos, contando velhas histórias. Eu lhe falei que mandaria fotos das crianças mas e ele disse que tinha que desligar por causa de um encontro...

A Umbrela deve estar por trás do ataque. A casa de Barry foi destruída por pessoas que ele conhecia, e ferido por uma pessoa que achava ser um amigo.

O silêncio foi quebrado pelo barulho dos cachorros, que pela localização devem ser da unidade K-9 do RPD.

"Onde nós podemos ir?" David perguntou rapidamente. "Existe algum prédio vazio, algum lugar que a Umbrela não pensaria em procurar... algum lugar que a gente pode ir a pé?".

Brad!

Brad saiu da cidade dois dias depois do incidente na mansão – não agüentou a pressão.

"Vamos lá". Disse David.

Barry conhecia o caminho para sair do parque. Ele costumava andar lá com a esposa ao lado e suas filhas

dançando ao seus pés.

Jil abriu a porta da casa de Brad facilmente. Rebecca examinava Barry enquanto Chris procurava uma camisa.

David e Jil vasculhavam a casa.

Era uma pequena casa de dois dormitórios e um jardim nos fundos. Haviam casas bem próximas a de Brad evitando a aproximação de alguém. A mobília era simples. Objetos pessoais e livros estavam espalhados pelo chão. Isso mostrava que o ocupante estava em pânico incapaz de decidir o que fazer para se distrair.

Naquela noite eles discutiram sobre o que o que falariam para a polícia. Rebecca e David se despediram e foram embora.

No sorriso de Rebecca, David podia ver que ela sabia perfeitamente sobre os riscos da missão. Ele estava satisfeito por a ter alistado. Ele só podia esperar que as habilidades dela sejam suficientes para colocá-los e tirá-los inteiros de Caliban Cove.

# Capítulo 2

Depois de reler as informações sobre Caliban Cove, Rebecca colocou os papéis cuidadosamente na mala debaixo do assento de David. Ele trouxe três malas para o aeroporto, uma para as armas, já no bagageiro e outras duas para não chamar a atenção.

Rebecca desejava ter comprado algumas bolachas no aeroporto, ela não comia desde o almoço e as nozes não estavam matando a fome.

Ela apagou a luz de leitura e sentou novamente, tentando deixar o suave motor do 747 acalmá-la para um cochilo. A maioria dos passageiros do quase cheio avião haviam adormecido, inclusive David. Rebecca tinha muito o que pensar. Nos últimos meses ela se formou passando pelo treinamento do S.T.A.R.S. e foi transferida para seu novo apartamento numa nova cidade. Depois veio a mansão e agora as últimas horas que deram outra reviravolta em sua vida.

Ela virou a cabeça e viu David no assento da janela – círculos escuros de exaustão em seus olhos. Rebecca fechou os olhos e respirou profundamente o ar fresco da cabine pressurizada. Ela pode sentir o cheiro de suor na pele e decidiu que tomar um banho seria prioridade ao chegar no hotel.

Clareando sua mente, ela começou a contar de cem para um. A técnica de meditação nunca tinha falhado nela, mas pode não funcionar desta vez...

*... noventa e nove, noventa e oito, Dr. Griffith, David, S.T.A.R.S., Caliban...*

Antes de noventa ela já estava dormindo profundamente, sonhando com sombras se movendo que nenhuma luz podia iluminar.

Como ele fazia todas as manhãs desde o começo do experimento, Nicolas Griffith sentou na plataforma no topo do farol e olhou o sol se elevar sobre o mar.

Griffith sempre vê o sol iluminar o horizonte antes de começar o seu dia. Assim que o sol se separou do mar, ele levantou-se e caminhou para o parapeito com seus pensamentos voltados para o dia a frente. Tendo finalmente terminado o trabalho sangrento na série Leviathan (Leviathan series), ele estava preparado para trabalhar mais extensivamente com os doutores.

Todos os três responderam bem à mudança, e a taxa de deterioração celular caiu consideravelmente. Era hora de se concentrar na situação comportamental deles, o estágio final do experimento. Em semanas, Nicolas estará pronto para expandir para além dos limites do laboratório.

O vento balançava seu cabelo cinza, o choro faminto as gaivotas finalmente o levou a ação. Os Trisquads tem de ser levados para dentro antes que os pássaros cheguem. Algumas unidades já foram horrivelmente machucadas e ele não quer pô-las em risco novamente. Uma vez perdido os olhos, eles seriam inúteis na patrulha.

Griffith se virou e com seu cabelo balançando desceu a escada em espiral. Seus sapatos contra o metal criavam um eco na alta torre. Tendo o estabelecimento para si mesmo fazia tudo mais prazeroso – comer o que quiser na hora que quiser, trabalhar em seu próprio horário, as manhãs no topo do farol... Ele sofreu por muito tempo devido aos horários – intermináveis reuniões ouvindo seus "colegas" falarem sobre o T-virus de Wiliam Birkin. Eles se escravizaram para aparecer com os Trisquads para a Umbrela que ficou felicíssima com os resultados, aparentemente esquecendo o fracasso com os Ma7s. Eles eram incapazes de ver além de sua arrogância por uma imagem maior...

*Como se os Trisquads fossem nada mais do que corpos com armas.*

Com as ondas quebrando, ele foi na direção dos dormitórios. Nicolas já sintetizou um aerotransmissível, e tem o suficiente para contaminar a maior parte da América do Norte. Assim que o vírus fizer seu trabalho o sol nascerá num mundo muito diferente, inabitado por pessoas de caráter e vontade.

*Tire as habilidades do homem, sua mente fica livre. Com treinamento, se torna um animal de estimação; sem, ele se torna um animal selvagem. Cubra o mundo com tais animais, e só os fortes sobreviverão...*

Ele entrou no dormitório, ligou as luzes e viu seus doutores onde os havia deixado – sentados a mesa de olhos fechados. Eles foram infectados pelo vírus que Nicolas usará, e estão perto do que o mundo se tornará em alguns dias.

Além do laboratório de pesquisa, o estabelecimento foi projetado para treinar armas biológicas como os Trisquads e os Ma7s. Há itens que podem ser usados, desde simples testes até complicados quebra cabeças.

Aproximando-se da mesa, Dr. Athens abriu os olhos, provavelmente para ver se havia perigo vindo. Dos três, Tom Athens era o mais forte; ele foi um dos especialistas em comportamento. De fato, ele surgiu com a idéia de uma equipe de três unidades, o Trisquad, insistindo que elas fariam um trabalho mais eficiente em pequenos grupos. Ele estava certo.

Thurman e Kinneson permaneceram quietos. Griffith percebeu um cheiro ruim vindo de um deles. Olhando para baixo, ele confirmou sua suspeita pelo molhado nas calças de Thurman.

*De novo.*

Louis Thurman foi um idiota, um biologista decente mas tão ridículo e intolerante como os outros. Ele criou a maioria dos Ma7s, e quando se tornaram incontroláveis, botou a culpa em todo mundo menos nele. É mau que um bom doutor não saiba o quanto patético está sendo.

"Bom dia senhores", Nicolas disse se afastando da mesa. Em harmonia, os três viraram a cabeça para vê-lo.

"Parece que o Dr. Thurman evacuou os intestinos. Está sentado na merda. É engraçado".

Os três sorriram largamente. Dr. Alan Kinneson sorriu disfarçadamente. Ele foi o último a ser infectado, sofrendo menor deterioração do tecido. Alan ainda podia se passar por humano.

Griffith tirou o apito de polícia do bolso e colocou na mesa na frente do Dr. Athens. "Dr. Athens, tire os Trisquads do dever. Atenda suas necessidades físicas e os envie para a sala fria. Quando terminar, vá para a cafeteria e espere".

O apito desativaria as equipes e os chamaria para dentro. Tom Athens pegou o apito e saiu da sala pelo hal da outra entrada do dormitório.

Haviam quatro Trisquads, doze unidades no total. Eles estão vagando pela mata junto a cerca ou se movendo secretamente em volta do abrigo, tendo sido treinados para ficar fora da área nordeste do composto, farol e dormitório. Eles eram bem eficientes nisso. A Umbrela queria soldados que matassem sem piedade, e lutassem até que ,literalmente, explodissem em pedaços. Uma vez treinados com armas, os Trisquads se tornariam máquinas de matar – com a recente onda de calor, Nicolas não sabe o quanto eles estão viáveis.

Ele voltou sua atenção para Louis Thurman que ainda sorria e fedia como um bebê. Ele

nem se parecia com um – gorducho e calvo, ele sorri como uma inocente e ingênua criança.

"Dr. Thurman, vá ao seu quarto, tire as roupas, tome um banho e ponha roupas limpas. Depois vá para as cavernas e alimente os Ma7s. Quando terminar vá para a cafeteria e espere".

Depois que ele se levantou, Griffith viu que a cadeira de Louis estava suja. "Leve a cadeira e a deixe no seu quarto".

Nicolas sentou-se perto de Alan Kinneson, sentindo-se cansado, observando as bonitas característica do doutor – seus olhos expressivos. Ele olhou para Griffith esperando ordens. Alan já foi um neurologista. Haviam fotos no seu quarto, da esposa e de seu bebê, um garoto com um brilhante e bonito sorriso.

Por um segundo Nicolas pensou.

*Quantos morrerão? Milhões, bilhões?*

"E se eu estiver errado?". Disse ele. "Alan, me diga se eu estou errado, que eu estou fazendo isso pelas razões certas...?

"Você não está errado". Alan respondeu calmamente. "Você está fazendo pelas razões certas".

Griffith olhou para ele. "Me diga que a sua esposa é uma prostituta".

"Minha esposa é uma prostituta". Alan disse. Sem pausa. Sem dúvida.

Griffith sorriu e o medo foi embora.

Amanhã , ao nascer do sol, Nicolas Griffith dará o seu presente para o vento.

Karen Driver é a especialista em ciência forense do S.T.A.R.S.. É alta, de cabelos loiros e curtos, na faixa dos trinta anos e séria. Sua pequena casa era bem limpa quase antissepticamente. Ela emprestou suas roupas para Rebecca.

David tinha alugado um carro no aeroporto e eles acharam um hotel barato onde ficaram em seu quartos separados. Rebecca só acordou depois das dez, tomou banho e esperou por David.

Ela ouviu a porta abrir e fechar, e novas vozes tomaram conta da sala. O time estava

reunido.

*Daqui algumas horas, tudo estará acabado. O que me preocupa é que David e seu time não viram os cachorros, as cobras, as criaturas nos túneis... e o Tyrant.*

Rebecca tirou as imagens da cabeça enquanto se levantava pondo as roupas sujas numa mala vazia. Não há razões para ser diferente em Caliban Cove. Ela parou em frente o espelho, estudou a mulher que viu e foi para a porta.

Chegando na sala viu que Karen trouxe cadeiras extras. Haviam dois homens no sofá do outro lado onde David estava.

David sorriu enquanto os dois homens se levantavam para serem apresentados.

"Rebecca, este é Steve Lopez. Ele é um gênio em informática e nosso melhor atirador".

Steve tem olhos escuros, cabelos pretos e era uma pouco mais alto que ela. Não muito velho...

"– e este é John Andrews, especialista em comunicação e campo de escuta".

Sua pele era escura e não tinha barba, mas lembrava o Barry.

"Esta é Rebecca Chambers, bioquímica do S.T.A.R.S.". David terminou a apresentação.

John soltou a mão dela ainda sorrindo. "Bioquímica? Caramba, quantos anos você tem?".

Rebecca sorriu, percebendo o tom de humor nos olhos dele. "Dezoito. E três quartos".

John deu risadas enquanto voltava a se sentar. Ele olhou para Steve e depois para ela. "É bom ficar de olho no Steve, então. Ele fez vinte e dois. E é solteiro".

"Fica quieto". Steve resmungou com suas bochechas coradas olhando para Rebecca e balançando a cabeça.

"Você vai ter que desculpar pelo John. Ele acha que adquiriu um senso de humor e ninguém pode contrariar".

"A sua mãe acha que eu sou engraçado". John retrucou, e antes que Steve pudesse responder David acabou com o papo.

"Já chega". Disse. "Nós temos algumas horas para nos organizar se pretendemos fazer isso

hoje.

A brincadeira dos dois foi bem-vinda por quebrar a tensão de Rebecca, fazendo com que se sinta uma do grupo quase que instantaneamente. Assim que David começou a por as informações de Trent sobre a mesa, ela começou a pensar sobre o que virá pela frente. Estando fora de algum organismo vivo, o vírus já pode ter

"morrido". Mas quem sabe se ele já contaminou alguém.

*O vírus ainda infecta? Aquele lugar pode estar cheio de Tyrants... ou algo pior.*

Rebecca não tem respostas para essas insistentes dúvidas. Ela dizia a si mesma que suas ansiedades não interferiram em seu trabalho. E que a sua segunda missão não será a última.

"Nosso objetivo é entrar no complexo, coletar provas sobre a Umbrela e sua pesquisa, e sair com o mínimo de problemas possível. Eu reverei cada passo a fundo e se algum de vocês tiver perguntas ou dúvidas sobre como proceder, não importa o quanto insignificante, eu quero ouvi-las. Entendido?".

Todos concordaram e David continuou confortavelmente sabendo que chegou onde queria.

"Nós já discutimos algumas das possibilidades sobre o que pode ter acontecido lá, sendo que vocês já leram os artigos. Eu digo que nós estamos lidando mais uma vez com algum tipo de acidente. A Umbrela se empenhou bastante para encobrir o problema em Raccoon City".

"Por que a Umbrela ainda não enviou ninguém para Caliban Cove?". John perguntou.

"Quem sabe". Disse David. "Eles podem ter limpado as evidências – de qualquer modo, nós nos juntamos as pessoas de Raccoon e nossos contatos para começar de novo".

Novamente todos concordaram. David olhou para o mapa.

"Ponto de entrada. Se esse fosse um ataque aberto, nós podíamos ir de helicóptero ou simplesmente pular a cerca. Mas se ainda tiver gente lá e nós dispararmos o alarme, estará tudo acabado antes de começarmos.

Sendo que nós não queremos ser descobertos, nossa melhor opção é ir pelo mar. Podemos usar um dos barcos da operação do petroleiro do ano passado".

"Eles não teriam um alarme no cais?". Karen perguntou.

"Eu não recomendaria usar o cais. Podemos ver no mapa que é possível esconder o barco em uma das cavernas debaixo do farol. De acordo com o que eu li, existe uma entrada que liga a base dos rochedos ao farol. Se ela estiver bloqueada, tentaremos outra caminho".

"O barco não chamará atenção se alguém estiver vendo?". Perguntou Rebecca.

"Ele é preto e o motor fica sob a água. Se a gente for à noite, devemos ficar invisíveis".

David esperou eles terminarem de pensar, não querendo apressá-los. Eles eram bons soldados – sua equipe. Se algum deles tiver dúvidas, é bom esclarecê-las agora. Ele reparou na jovem face de Rebecca. Ele estava começando a gostar dela, mais do que uma ferramenta para a missão...

"David colocou os pensamentos de lado e continuou.

"Vamos para os detalhes. Uma vez dentro, nos moveremos em fila através do complexo pelas sombras. Karen ficará atrás de John procurando o laboratório e verificando o que pode ter acontecido. Steve e Rebecca os seguirão. Eu irei logo atrás. Quando acharmos o laboratório, entraremos juntos. Rebecca saberá o que procurar em termos de material, se tiver um sistema de computador funcionando, Steve pode verificar os arquivos. O resto de nós dará cobertura. Terminando o serviço, nós voltaremos por onde viemos".

Todos revisaram o material de Trent.

"Nós podemos confiar nele? Karen perguntou.

"Parece que ele está do nosso lado em tudo isso. Sim". David respondeu vagarosamente.

"Quais são as chances de contrairmos o vírus?". Steve perguntou.

Rebecca respondeu. "Eu não posso dizer com certeza. Quando fui tirada do caso, eu perdi acesso às amostras de tecido e saliva. Pelos efeitos, o T-virus é um mutagene que altera a estrutura do cromossomo do hospedeiro.

Pode contagiar plantas, mamíferos, pássaros, répteis etc. Em algumas criaturas ele pode promover um crescimento incrível; em todos eles comportamento violento. Posso dizer que ele afeta o cérebro, pelo menos em humanos – induz algo como uma psicose esquizofrênica. Ele também inibi a dor. As vítimas humanas que enfrentamos não pareciam sentir ferimentos à bala. Na mansão, o vírus parecia ser aero-transmissível. Os cientistas estavam, com certeza, usando o

vírus em experimentos genéticos. E desde que nenhum de meu time o contraiu, não precisamos nos preocupar com a respiração.

Nós devemos ficar de olho no contato com um hospedeiro, eu digo qualquer contato – essa coisa é bastante virulenta ao entrar na corrente sangüínea. Uma gota de sangue pode conter centenas de milhões de partículas.

Qualquer contato com o vírus deve ser evitado a todo custo. Com sorte o vírus já deve estar morto... ou deteriorando. Os hospedeiros, de qualquer modo".

Depois de um momento de silêncio John falou.

"Bom, parece um trabalho de merda. Se nós quisermos chegar lá a tempo, é bom sairmos logo". Ele disse sorrindo para David. "Você me conhece, eu amo uma boa luta. Alguém tem que parar esses idiotas de espalhar aquela coisa por aí, certo?".

Todos concordaram, mesmo sem saber o que viriam pela frente.

Olhando no relógio, David viu que faltavam algumas horas para embarcar. "Certo. É melhor a gente ir para o depósito e "fazer as malas".

Karen estava na traseira da van carregando clips enquanto as misteriosas palavras da mensagem contida no material de Trent se repetiam em sua mente.

... Ammon's message received / blue series/ enter answer for key / letters and numbers reverse / time rainbow / don't count / blue to access.

Ela terminou um clip e colocou junto aos outros – secando suas mãos oleosas na calça ela pegou outro. Uma leve brisa, cheirando sal e mar morno de verão passou pela quente van.

Eles passaram para o outro lado da estrada encontrando um lugar limpo para acampar a menos de dois quilômetros da praia. Do outro lado o sol estava se pondo. O não tão distante som das suaves ondas estava calmo – as baixas vozes dos outros trabalhando.

Steve e David estavam arrumando o barco, enquanto John mexia no motor. Rebecca arrumava um kit médico que eles "pegaram emprestado" do depósito de equipamentos do S.T.A.R.S..

... as letras e números... um código? Tem a ver com o tempo? Contar? Seria a soma das linhas, ou outra coisa?

Ela não tirava isso da cabeça. As semi automáticas estavam limpas e prontas, e os clips carregados. Ninguém estaria levando outras armas além das Berettas do S.T.A.R.S.. David insistiu para que viajassem leves. Depois de ter ouvido mais sobre os zumbis, ela estava feliz por ter um revólver e uma lanterna.

Com um sentimento de culpa, Karen tirou do bolso do colete seu segredo, confortada pelo peso familiar na mão.

*Deus, se o pessoal soubesse, eu nunca ouviria o final disso.*

Foi dado pelo seu pai, o que sobrou do seu serviço na Segunda Guerra Mundial, um dos poucos itens que a fazem lembrar dele – uma antiga granada abacaxi; chamada assim por causa do seu exterior feito de linhas cruzadas. A granada era seu pé de coelho, ela não participou de uma missão sem ela.

"Karen, precisa de ajuda?".

Assustada, Karen olhou para Rebecca, que possuía um brilho de curiosidade nos olhos.

"Eu achava que não estávamos levando explosivos... isto é uma granada abacaxi? Eu nunca vi uma. Ela está viva?".

Karen olhou em volta com medo de que alguém do time tivesse escutado – depois olhou para a bioquímica, envergonhada.

"Shh! Eles nos ouvirão. Vem aqui um segundo". Karen disse. Rebecca, obedientemente, engatinhou para dentro da van.

Karen estava absurdamente agradecida pela descoberta de Rebecca. Em sete anos de S.T.A.R.S., ninguém havia descoberto.

"É uma abacaxi, e não estamos levando explosivos. Não diga à ninguém, tá? Eu carrego ela para dar boa sorte.

Rebecca arregalou os olhos. "Você carrega uma granada viva para dar sorte?".

"Sim, e se Steve ou John descobrirem, eles irão cair em cima de mim. Eu sei que é

bobeira, mas é um tipo de segredo".

"Eu não acho bobeira. A minha amiga Jil tem um chapéu da sorte...". Rebecca tocou a fita vermelha em sua testa. "... e eu tenho usado isto por algumas semanas. Estava usando ela quando fui para a mansão".

Sua jovem face se fechou, e depois sorrindo novamente disse direta e sincera.

"Não direi uma palavra".

Karen decidiu que realmente gostava dela. Ela colocou a granada no bolso olhando para Rebecca. "Obrigado.

Bom, estão todos prontos lá?".

"Sim, acho. John quer conferir os fones de novo, fora isso, tudo está feito".

"Vá em frente e entregue as armas, eu pego o resto".

Rebecca ajudou Karen a descarregar assim que o sol sumia no horizonte. O vento ficou mais forte, a água mais fria e as primeiras estrelas ficaram à vista sobre o Atlântico.

Eles andaram para a água em silêncio carregando suas armas. Assim que a luz do dia desapareceu John e David deslizaram o barco na água, Karen colocou um gorro preto e deu um tapinha no pesado bolso para sorte, dizendo a si mesma que não precisará usá-la.

A verdade está esperando. É hora de saber o que realmente está acontecendo.

# Capítulo 3

Steve e David foram para a frente do barco com capacidade para seis pessoas. Rebecca e Karen foram logo em seguida. John entrou por último e ao sinal de David, ligou o motor apertando um botão; era silencioso como David havia falado.

"Vamos". David disse. Rebecca respirou fundo assim que eles rumavam para norte, em direção a ilha. Ela procurava na escuridão por algum sinal que marcasse o começo do território particular, mas não conseguia perceber nada. Estava mais escuro e frio o que ela esperava.

Rebecca viu um flash de luz enquanto David erguia o binóculo de visão noturna em busca de movimento na costa.

"Eu vejo a cerca". David disse suavemente.

Ela voltou sua atenção para a costa, imaginando o quanto estavam perto. Já se podia ouvir a água se chocando com as rochas.

"Há uma doca". Disse David. "John, vire a estibordo, duas horas".

Houve um som de metal raspando na madeira – não haviam barcos que se pudesse ver.

Rebecca deu uma olhada na escuridão e só viu o contorno de uma estrutura que poderia ser um galpão onde os barcos ficam. Não era possível ver as outras construções do mapa de Trent. Eram seis estruturas além do farol.

Cinco delas espalhadas ao longo da enseada, dispostas em duas linhas paralelas – três em frente e duas atrás. A Sexta estrutura estava atrás do farol. Todos esperavam que essa fosse o laboratório; eles conseguiriam o que precisam sem procurar no complexo inteiro.

"A casa dos barcos é de madeira, as outras parecem ser de concreto. Eu não... esperem". O sussurro de David se tornou urgente. "Alguém... duas, três pessoas vieram de trás de um dos prédios".

Rebecca sentiu um estranho alívio fluindo através dela – alívio, desapontamento e uma súbita confusão. Se houver pessoas, o T-virus pode não ter sido solto. Isso significa que o complexo está ocupado e as patrulhas tornarão a operação impossível.

*Por que está tão escuro? E por que tudo parece morto aqui, tão vazio?*

"Vamos abortar?". Karen cochichou, e antes que David pudesse responder, Steve respirou forte fazendo o sangue de Rebecca congelar.

"Três horas, grande, oh Jesus é imenso".

*BAM!*

O barco foi atingido e mergulhado na turbulenta água do mar.

A água o envolveu, gelada e salgada, queimando os olhos de David que perdido, ofegava.

*Onde está... o time, onde está.*

David girou em volta, respirando profundamente, e ouviu uma tosse a sua esquerda.

"Vá para a costa", ele disse girando em um círculo, tentando achar suas posições, achar a da criatura.

O barco estava a dez metros atrás dele, de ponta cabeça. A força do ataque os jogou longe, mais perto da ilha.

Viu duas figuras entre ele e a costa. Ele não podia ver a coisa que acertou o barco mas esperava sentir a mordida a qualquer momento.

"Vão para a costa". Disse de novo.

"David". John aterrorizado gritou de além do barco que boiava.

"Aqui! John, por aqui, siga a minha voz!".

John foi na direção de David que nadava para a praia rochosa. Ele viu o topo da cabeça de John aparecer, viu seus braços baterem na escura água.

"Siga-me, estou bem aqui".

Uma gigante sombra ergueu-se atrás de John à uns três metros, arredondada e impossível. Os eventos aconteceram como num sonho em câmera lenta na frente dos olhos de David.

Ele viu grossos e pontiagudos tentáculos de cada lado, perto do topo de sua erguente sombra.

*Tentáculos não, antenas.*

E percebeu que estava vendo a barriga de um monstruoso animal que não podia existir, tão grande como uma casa. O corte negro de sua boca abriu, revelando afiados dentes do tamanho de um punho humano.

Quando aquilo vier abaixo, John será engolido pelas fortes garras. Ou esmagado. Ou levado para o fundo – uma refeição afogada para a criatura.

No instante que ele viu os fatos, já estava gritando.

"Mergulhe! Mergulhe!".

A aberração estava caindo, seu corpo de serpente envolveu o frenético nadador. David reparou nos bulbosos olhos, cada um do tamanho de uma bola de vôlei... e a criatura caiu, mandando explosivas ondas no ar. Antes que David pudesse respirar, uma tremenda onda o atingiu, levando-o violentamente para trás.

Houve um momento de pressa assim que ele lutava contra a força exercida em seus membros, tentando achar ar na envolvente corrente.

Chutando violentamente, ele voltou à tona sentindo o frio ar batendo na sua pele – e as mornas mãos humanas puxando seus ombros.

Ele respirava convulsivamente enquanto suas botas raspavam nas rochas, e a voz de Karen atrás dele.

"Peguei ele".

David pegou fôlego e se virou. Pessoas molhadas estavam estendendo as mãos, Steve e Rebecca.

*Meu Deus, John.*

"Eu estou bem". David disse. "John... alguém está vendo ele?".

Ninguém respondeu.

"John!". Ele chamou, tão alto quanto podia, procurando e nada vendo.

"John". Ele chamou de novo – esperança diminuindo.

"O que?". Uma voz estrangulada veio das rochas à esquerda deles.

David respirou aliviado assim que a figura pingando de John saia das sombras.

Steve foi em sua direção, agarrando seu braço e o apoiando nas rochas.

"Eu mergulhei". John disse.

David se virou olhando para cima, para o complexo, além da fatia de praia coberta de pedrinhas. Eles estavam na base de uma pequena queda angulosa, no local plano. O choque do monstruoso peixe – se puder ser chamado assim – não era mais importante. Eles estavam fora da água agora.

*Eles nos viram? Não podemos ficar aqui...*

"A casa dos barcos". David disse virando a sul. "Rápido".

Karen pegou a dianteira, os outros a seguiram de perto. Ninguém parecia seriamente ferido. David correu depois de John, com suas pernas doendo.

Assim que eles subiram as pedras, David ouviu um ruído abafado de metal, viu Rebecca abraçando o pacote de munição em seu peito. Ele sentiu novas esperanças; se eles pudessem vê-las em algum lugar seguro...

A construção estava à frente, à direita, quieta e escura, a porta fechada de frente para a doca de madeira. Não dava para saber se estava vazia à apenas dez metros de distância.

*Sem escolha.*

"Fiquem abaixados". David disse em voz baixa e todos foram na direção do lugar.

Karen abriu a porta. Nenhum alarme disparou. Steve e Rebecca foram atrás dela, depois John, depois David que fechou a porta de madeira.

"Fiquem aonde estão". Disse suavemente. Fora a respiração de todos o local estava quieto. Mas havia um cheiro horrível no ar, um cheiro de algo morto a algum tempo...

O fino raio de luz cortou a escuridão, revelando uma grande e quase vazia sala sem janelas. Cordas e coletes salva-vidas pendurados por estacas de madeira, uma bancada corria o

comprimento de uma parede, alguns serrotes e prateleiras desorganizadas...

– Meu Deus! – A luz congelou na outra porta da sala, diretamente em frente a que eles entraram. O raio de luz iluminou um corpo nu e um casaco de laboratório esfarrapado com manchas de óleo. Fibras secas de músculo saiam de uma face não muito sorridente.

O corpo foi pregado na porta, uma mão fixada mostrando um aceno de boas-vindas. Aparentemente, morto a semanas.

Steve sentiu algo subindo em sua garganta. Ele engoliu, desviando o olhar, mas a grotesca imagem já estava fixada em sua mente – a face sem olhos e de pele descascada...

*Jesus, isso é alguma piada? Steve sentiu-se tonto.*

Por alguns segundos ninguém falou, até que David começou a falar baixo com a mão sobre a luz.

"Vejam seus cintos e soltem seus clips. Eu quero status agora, danos depois equipamento. Respirem fundo, todos. John?".

A voz de John surgiu à esquerda de Steve. Karen e Rebecca estavam à sua direita. David ainda na porta.

"Eu estou com meleca de peixe no corpo, mas estou bem. Estou com a minha arma mas perdi a lanterna. Tal como os rádios".

"Rebecca?".

"Estou bem... hum, minha arma está aqui, lanterna e kit médico... ah, e munição".

Steve se checou enquanto ela falava, segurando sua Beretta, ejetando o clip molhado e pondo-o em um bolso.

Havia um lugar vazio em seu cinto onde a lanterna deveria estar.

"Steve?".

"É, sem ferimentos. Arma mas sem luz".

"Karen?".

"Também".

Os dedos de David se moveram, permitindo a leve luz se espalhar pelo lugar. "Ninguém está ferido e ainda estamos armados; podia ter sido pior. Rebecca, passe os clips, por favor. A cerca não deve estar a mais de cinqüenta metros a sul daqui, e há árvores suficientes para cobrir desde que ninguém nos tenha visto".

Steve pegou três clips de Rebecca, agradecido. Colocou um na arma.

*Ótimo, bom, vamos detonar. Primeiro aquela coisa que quase nos comeu, agora Sr. Morte dando um tchauzinho como se quisesse dizer oi...*

Steve não é assustado facilmente, mas sabia do perigo quando a viu.

David se aproximou do corpo decomposto, um olhar de nojo cobriu sua face. "Karen, Rebecca, venham ver isso.

John pegue a luz de Rebecca e veja se consegue achar algo de útil com Steve".

John pegou a lanterna e andou com Steve pela longa bancada.

"O T-virus não fez isso". Rebecca disse. "Padrão de decomposição todo errado...".

Silêncio, então Karen falou. "Vê aquilo? David me dê a lanterna por um segundo".

John direcionou a luz sobre a suja tábua da bancada. Um copo de café quebrado. Uma pilha de nozes engorduradas e dardos no topo de um alvo. Uma chave de fenda elétrica empoeirada e gumes num pano manchado.

*Nada, não tem nada aqui. Nós devíamos sair desse lugar antes que alguém venha dar uma olhada...*

John abriu a gaveta e a revirou enquanto Steve tentava descobrir o que estava numa prateleira. Atrás deles, Karen falava.

"Ele não estava morto quando foi pregado, eu diria que estava perto. Inconsciente. Não há machucados; sugerindo que ele não lutou... e tem marcas de raspagem aqui e aqui; eu diria que ele foi baleado pela porta de trás e arrastado".

John terminou a varredura na gaveta e eles prosseguiram – o som de botas contra o chão de madeira. Um grupo de soquetes de tomada. Um rádio barato. Um saco de papéis amarrotados

perto de um lápis.

Algo esbarrou nos pensamentos de Steve fazendo-o parar, olhando para o saco. O lápis...

Ele pegou o papel amassado. Haviam várias linhas escritas perto do final da folha.

"Ei, achamos alguma coisa". John disse baixo, iluminando o papel enquanto os outros vinham. Steve leu em voz alta, iluminando as palavras. Não havia pontuação; ele fez de tudo para fazê-las.

"... 20 de Julho. A comida estava drogada, estou enjoado – eu escondi o material para você, dados enviados. Os barcos estão afundados e ele deixou os..."

Steve franziu as sobrancelhas incapaz de ler a palavra.

*Tris... Tris-Squads?*

"Os barcos estão afundados e ele deixou os Trisquads fora – escuro agora, eles virão, eu acho que ele matou o resto – pare-o – Deus sabe o que ele pensa em fazer. Destruir o laboratório – encontrar Krista, diga a ela que sinto muito, Lyle sente muito. Eu quero – ".

Não havia mais nada.

"A mensagem de Ammon". Karen disse suavemente. "Lyle Ammon".

Não precisava ser detetive para descobrir quem estava pendurado na porta. Ele tem uma identidade agora. E a mensagem que Trent deu a David estava tão estranha porque o pobre homem estava dopado ao mandá-la.

"Bom em dar um nome a face, hein?" John disse sem nenhum sorriso.

*O que é um Trisquad? Quem é "ele"?.*

"Talvez a gente deva olhar em volta mais um pouco". Rebecca disse, mas David balançou a cabeça.

"É melhor deixar para lá. Nós vamos...?

Ele parou de falar quando pesados passos soaram no lado de fora da porta a qual vieram. Todos congelaram, ouvindo. Outros passos, e quem quer que sejam, não estavam tentando esconder sua aproximação.

Eles pararam na porta – e ficaram lá, sem tocar na maçaneta, sem chutar a porta e sem outro som. Esperando.

David circulou o dedo no ar, apontando para Karen e depois para a porta com o corpo de Lyle Ammon. O sinal para sair, Karen primeiro.

Todos seguiram em direção do corpo, Steve respirava pela boca a cada "creck" que faziam.

Assim que Karen abriu a porta, o silêncio foi quebrado por tiros de uma metralhadora – vindo da direção de sua rota de fuga.

# CAPÍTULO 4

Karen pulou assim que balas perfuravam a porta. Pedaços de carne podre voavam do corpo de Ammon; o corpo dançava num ritmo de ação macabra.

Quem quer que esteja atirando, está se aproximando. Os tiros ficavam mais altos e estilhaços de carne e

madeira os atingia. Estavam encurralados; ambas as saídas bloqueadas.

Rebecca agarrou com força sua Beretta na mão esperando um sinal de David. Ele apontou para noroeste do

complexo gritando para ser ouvido sob os tiros.

"Rebecca, a outra porta! John, Karen, próximo prédio! Steve, nós cobrimos! Vão!".

Steve e David saltaram fora e começaram a atirar. John e Karen saíram correndo, desaparecendo

instantaneamente na escuridão.

Rebecca mirou na porta de trás, seu coração pulando na garganta. As paredes tremiam.

"Morre! Jesus, porque eles não morrem?" Steve gritou atrás dela, fazendo seu sangue gelar com o tom de terror em sua voz.

*Zumbis?*

Sem tirar os olhos da porta, Rebecca gritou o mais alto que pode.

"Na cabeça! Mire na cabeça!".

Não havia como saber se eles escutaram.

"Rebecca, vamos!".

Ainda sob o som de tiros de metralhadora, ela olhou para trás e viu Steve atirando em algo e David sinalizando para ela se mover.

Ela foi na direção da porta com o corpo ainda pendurado. A cabeça parecia uma abóbora

podre, dentes estilhaçados, pegajosos pedaços de pele radiando de trás da cabeça. A mão não estava mais conectada ao braço, o Rádio e a Ulna *(Nota 5)* estouraram. O corpo estava lá como alguma decoração obscena, acenando...

Steve atirou de novo e o som da metralhadora cessou. Ele ergueu a arma, e assim que abriu a boca para dizer algo – a porta de trás estraçalhou – balas voando através do escuro numa chama de fogo laranja. David a puxou para porta e ela correu, o som de nove milímetros soou atrás dela.

Ela correu a toda velocidade, seus sapatos molhados socando o chão rochoso, procurando o contorno de um grande bloco de concreto e as finas árvores que circundavam a escuridão à frente.

"Aqui".

Ela desviou em direção ao chamado, viu a silhueta de John no canto de um prédio. Aproximando-se dele, viu a porta aberta, Karen em pé na entrada com sua arma em direção a casa dos barcos. Balas ainda cantavam no escuro.

"Entre!". Karen gritou saindo do caminho.

Rebecca correu sem diminuir até estar dentro. Ela colidiu com uma mesa, batendo dolorosamente sua coxa na quina.

Virando, viu Karen atirando e John berrando. "Vamos, vamos!".

E Steve passou pela porta respirando. Ele parou antes de atingir Rebecca – uma mão agarrando seu colete.

Rebecca foi até a porta de aço assim que David a cruzou dizendo:

"Karen, John!".

Karen recuou para o escuro, arma ainda erguida. Houve mais três disparos de uma Beretta e John entrou.

Rebecca fechou a porta. O leve "click" da tranca foi dificilmente ouvido pelos ouvidos que apitavam. Do lado de fora os tiros pararam. Não houve vozes entre os agressores, alarme, latidos de cachorro ou gritos de feridos.

O silêncio era total, quebrado apenas pela respiração no úmido e quente escuro.

Um raio de luz revelou as faces chocadas do time assim que David iluminou seu esconderijo.

Uma sala de meio tamanho, cheia de mesas e computadores. Não haviam janelas.

"Você viu aquilo?". Steve disse para ninguém. "Deus, eles não iam cair, você viu aquilo?".

Ninguém respondeu, e apesar de estarem fora de perigo, Rebecca não sentiu sua adrenalina diminuir, não sentiu seu coração voltar a nada próximo do normal; parece que a Umbrela encontrou uma nova aplicação para o T-virus.

*E gostando ou não, nós teremos que lidar com as conseqüências.*

Eles estavam presos em Caliban Cove. E lá, as criaturas tinham armas.

David respirou fundo e exalou pesadamente, iluminando a porta. "Eu diria que fomos descobertos. Poderíamos ver no que entramos. Rebecca, acenda as luzes".

Ela apertou o botão na parede e a sala se iluminou, acima fluorescentes pulsando para a vida. David avaliou seu time e viu que Steve tinha uma mão no peito.

"Você está ferido?".

"O colete a segurou". Ele disse parecendo mais sufocado que os outros, sua face mais pálida do que devia.

Rebecca olhou para David que respondeu com um balanço de cabeça.

"Cheque-o. Mais alguém?".

Ninguém respondeu enquanto Rebecca pedia a Steve para tirar o colete. David virou-se e olhou a sala. Haviam seis mesas de metal, cada uma com um computador. As paredes de cimento eram planas e não tinham decorações. Tinha outra porta na parede oeste que deve se aprofundar mais no local.

"Karen, proteja aquela". Ele disse. "Não parece que estamos encarando um acidente. O que o bilhete dizia? A comida estava drogada e alguma coisa sobre um "ele" matando os outros... é possível que nós não estejamos olhando para uma contaminação do T-virus?".

Rebecca terminou de examinar o peito de Steve, o expert em informática estava sentado em uma das mesas na frente dela. "Você está bem. Nada quebrado".

Ela voltou para David. "É, se isso tivesse acontecido, aquele cara na porta, Lyle Ammon, teria sido infectado. Mas os Trisquads – se eles são o resultado de experimentos com o T-virus, eles já estariam podres agora. Já se passaram três semanas desde que o bilhete foi escrito. Pode ser um vírus diferente ou alguém esteve cuidando deles. Manutenção de enzimas, talvez algum tipo de refrigeração".

"E se esse "alguém" ficou bravo e matou todo mundo, pra que perder tempo?". David falou.

"Aquele corpo". Karen disse. "E a criatura ou criaturas lá fora. É como se ele esperasse alguém vir..."

"... mas não significa para nós ir muito longe". John terminou.

"Então o que fazemos agora?". Steve perguntou.

David não respondeu, incerto sobre o que dizer. "Eu... nossas opções são ir embora ou ir mais adentro". Disse calmamente. "Considerando o que aconteceu, eu não me sinto confortável visitando esse lugar. O que vocês querem fazer?".

David olhou de face em face, esperando ver raiva e desprezo mas ficou surpreso pelo sorriso de Karen.

"Já que você perguntou, eu quero saber o que aconteceu aqui". Karen disse brilhante e ansiosa.

"É, eu também. Eu ainda quero ver o T-virus". Rebecca disse.

"Eu ainda quero destruir mais desses Tri-boys". John disse sorrindo. "Caramba, zumbis com M-16 – noite do esquadrão dos mortos-vivos".

"Eu também quero". Steve disse. "Voltar não é muito seguro. Não foi do jeito que eu queria, mas pegar provas sobre a Umbrela era o plano original... sim, eu quero pegar esses desgraçados".

David sorriu. Ele tinha acabado de subestimar a situação, ele gravemente subestimou sua equipe.

"O que você quer fazer?". Rebecca perguntou de repente. "Mesmo".

A pergunta o surpreendeu de novo, não porque ela perguntou, mas sim porque ele não tinha resposta. Ele pensou no S.T.A.R.S., em sua carreira e tudo o que isso já lhes custou. Estudou o curioso olhar dela e sentiu os outros o olhando, esperando.

"Eu quero que nós sobrevivamos". Ele finalmente disse, verdadeiramente. "Eu quero que façamos isso fora daqui".

"Amém". John resmungou.

David lembrou do que disse à Chris para conseguir a aprovação dessa operação, algo sobre cada um deles fazer o melhor que puder para ter sucesso contra a Umbrela.

*Aprenda, Capitão...*

"John, você e Karen, dêem uma olhada neste lugar, vejam as portas e estejam de volta em dez minutos. Steve, ligue um desses computadores e veja se consegue achar um plano detalhado das áreas. Rebecca, nós veremos as mesas. Nós queremos mapas, dados sobre os Trisquads, T-virus e qualquer coisa pessoal sobre os cientistas que possa nos dizer quem está por trás disso tudo".

David olhou para eles, percebendo que foi claro. "Vamos lá".

Eles iriam derrubar a Umbrela.

Dr. Griffith pode não ter percebido a falha na segurança se não fosse pelos Ma7s; eles pareciam úteis apesar de não ser essa sua intenção.

Ele passou a maior parte do dia no laboratório. Uma vez que ele decidiu soltar o vírus, não restava mais nada a fazer. As horas voaram; cada olhada no relógio era uma surpresa. Ele seria o primeiro a transformar o mundo.

Com aquilo na sua frente, a única tarefa com que se preocupar é levá-lo para o topo do farol. Logo depois do amanhecer ele dará as instruções finais para os doutores – e assim orgulhosamente guiar a espécie humana para dentro da luz, para o milagre da paz.

Foi o pensamento dos Ma7s finalmente terem amanhecido dentro das cavernas, que o despreocupou. Ele já cometeu esse erro com os Leviathans; ao assumir o controle do complexo,

ele abaixou os portões da enseada, esperando que as criaturas sintam-se tão livres quanto ele. Foi no dia seguinte que ele percebeu que a Umbrela poderia descobrir e vir dar uma olhada, colocando um fim em seus planos. Ele continuaria mandando relatórios semanais para maquiar a situação, mas não teria como explicar a "fuga" de quatro criaturas. Foi sorte de os Leviathans terem voltado.

Os Ma7s eram um problema totalmente diferente. Eles eram imprevisíveis e violentos demais para ficarem do lado de fora. Mas deixá-los morrer de fome nas jaulas não parecia certo; não foi a escolha deles de existir como armas de destruição.

Ele ficou em frente ao portão externo por um tempo, considerando o problema dos cinco animais se atirarem uns nos outros. Havia uma tranca manual perto de lá, e outra no laboratório. Não há modo de soltá-los do farol e certamente não podem sair até Nicolas ficar em segurança. Ele poderia mandar um dos doutores para isso, mas os Ma7s tem um metabolismo muito mais lento que o dos humanos.

Um mês antes da tomada do complexo, Dr. Chin e dois de seus veterinários cometeram um erro ao tentar examinar um doente; foi um modo muito ruim de morrer.

Ele sentou em frente do computador olhando para o cursor que piscava indicando "sistema em uso" num dos abrigos. Não havia chance de ser um erro, exceto pelos terminais do laboratório, o resto foi desativado semanas atrás. A Umbrela veio.

*Eles NÃO vão, NÃO vão me parar.*

A primeira emoção foi raiva, uma fúria que o fez perder a razão.

Ainda haviam dois outros terminais no laboratório e ele andou rapidamente para um deles, olhando os doutores sentados e quietos. Ele sentiu um ódio por eles, por criar os Trisquads; os "invencíveis" guardas que falharam na hora em que mais precisou.

Ele sentou, ligou o computador e esperou impaciente pela silhueta do guarda-chuva girando acabar. O sistema de segurança do complexo ficava no laboratório; de lá ele é capaz de ver o que o intruso está procurando sem alertá-lo de sua presença.

Ele digitou várias senhas, esperou, depois digitou seu número. Após breves pausas, brilhantes linhas verdes de informações encheram a tela. Ele conseguiu.

Olhando para as informações, ele pensou porque alguém da Umbrela estaria procurando pelo laboratório. Está procurando no lugar errado. Os projetistas do sistema não eram idiotas, não há mapas deste lugar nos arquivos...

*... e a Umbrela saberia disso. Significa que...*

O alívio passou por ele, tão puro que ele riu. Não era a Umbrela e isso muda tudo. Mesmo se eles tentarem achar o laboratório, nunca entrariam sem um key card (cartão-chave). E Griffith destruiu todos.

*Exceto o de Ammon. Nunca foi encontrado.*

Ele gelou, depois balançou a cabeça. Ele havia procurado em todo lugar pelo cartão, quais as chances de um invasor achá-lo.

*E quais as chances de passarem pelos Trisquads, hein? E o que Lyle fazia nas horas em que você não o achava?*

E se ele mandou alguma mensagem? Você só verificava transmissões para a Umbrela, mas se ele contatou mais alguém?

O computador começou a mostrar informações sobre os testes de socio-psicologia que Ammon projetou. Griffith sentiu seu controle diminuir de novo.

*Eu sou um cientista, não um soldado. Eu nem sei atirar, lutar! Eu seria inútil em combate...*

*Imprevisível, incontrolável.*

Um sorriso surgiu em seu rosto. Sangue escorria, da palma da mão, de onde suas unhas perfuraram, mas não sentiu dor.

Seu olhar voltou-se para o aberto e silencioso laboratório. Depois para as vazias e estúpidas faces dos doutores.

Para os cilindros de ar comprimido e para o vírus, seu milagre. E finalmente para os controles que dão para a jaula dos animais.

Nicolas sorriu largamente. O sangue pingou no chão.

Deixe-os vir.

Steve leu em voz alta. Rebecca viu David olhando para o relógio e para a porta várias vezes. Ela não achava que se passou dez minutos, mas estava perto. John e Karen ainda não voltaram.

"... onde cada um é projetado para medir a aplicação de lógica, assim que um índice de técnicas de projeção forem combinadas com precisão...".

Deve ser um relatório sobre a análise de algum teste de Q.I.. Deve ter sido escrito por um cientista. Ainda assim foi o que apareceu quando Steve perguntou por informações sobre a série azul (blue series).

Alguém esvaziou a sala, e fez um bom trabalho. Ela achou livros, grampeadores, canetas, lápis, elásticos e clips de papel, mas nenhum pedaço de papel escrito.

A busca no computador de Steve não estava indo bem; nenhum mapa e nada do T-virus. Quem quer que tenha assumido o controle do lugar, acabou com tudo o que eles poderiam usar.

*Exceto aquele teste de psicologia que nem se quer mencionou a palavra azul.*

Steve apertou uma tecla e brilhou.

"Aqui vamos nós... a série vermelha (red series), quando vista de uma escala padrão, é mais básica e simples, com um quociente de inteligência 80. A série verde (green series)...".

Ele parou. "Apagou tudo".

Rebecca desviou o olhar da mesa quase vazia a qual vasculhava quando viu David se juntando a Steve.

"Rebecca". David a chamou.

Ela fechou a gaveta e foi até Steve, curvando-se para ler o que estava escrito na tela.

*O homem que o faz não precisa. O homem que o compra não o quer. O homem que o usa não sabe.*

"É uma charada". David disse. "Algum de vocês sabe a resposta?".

Antes que algum deles pudesse responder, Karen e John voltaram para a sala, ambos

segurando as armas.

Karen segurava um papel rasgado numa mão.

"Tudo checado". John disse. "Seis salas, nenhuma janela e só uma porta externa a norte".

"Haviam porta-arquivos na maioria delas, mas estavam vazios – exceto por este papel que achei preso na fenda de uma gaveta".

Ela deu o papel a David que o viu, seu olhar tornando-se intenso. "Isso é tudo que havia lá?".

"Sim, mas é suficiente, não acha?".

David começou a ler alto.

*"Os times continuam a trabalhar independentemente e tem mostrado um notável melhoramento desde a modificação na sinapse auditiva*[(Nota 6)].

*Na Ocasião Dois, quando mais de um Trisquad está presente, o segundo time (B) não atacará enquanto o primeiro (A) estiver concluindo. (quando o alvo parar de se mover ou de emitir som).*

*Se o alvo continuar fornecendo estimulo e o A tiver suspendido o ataque (falta de munição ou defeito em todas as unidades), B entrará em ação. Se estiverem por perto, patrulhas adicionais vão ser incluídas no ataque e serão ativadas em sucessão.*

*Até agora, nós não temos expandido a habilidade sensorial para atingir o comportamento desejado; o estímulo visual da Ocasião Quatro e Sete continuam improdutivas, apesar disso nós infectaremos um novo grupo de unidades amanhã e correlacionar os resultados no final da semana. É nossa recomendação que continuemos a desenvolver capacidade auditiva antes da implantação do detector de calor".*

"Aqui é onde está rasgado". David disse.

"Isso explica muito. Por que o time na porta de trás da casa de barcos não fez nada?; o de fora ainda estava atirando. Depois que você e Steve os derrubou eles entraram num segundo". Karen disse.

Rebecca não estava gostando; a Umbrela continua fazendo experiências em humanos. Em Raccoon, o T-virus

levou de sete a oito dias para contaminar de vez o hospedeiro, e em um mês já caia aos pedaços.

Ela mordeu o lábio, imaginando o que os cientistas de Caliban Cove fizeram com o vírus. E se eles aceleraram o processo de infecção...

"O sinal da porta norte dizia que estamos no bloco C". John disse. "Você achou um mapa?".

Steve respondeu. "Não, mas dê uma olhada. Eu perguntei por informações sobre a série azul, e esse relatório de testes de Q.I. apareceu – depois isso. Não consegui mais nada".

John olhou para a tela. "... homem que o fez não precisa, compra, não quer, usa, não sabe...".

Karen, que relia o papel rasgado, levantou os olhos com extremo interesse. "Espere, eu conheço essa aí. É um caixão".

Steve digitou caixão. Nada mudou.

"Tente " esquife *(Nota 7)*". Rebecca sugeriu.

Assim que Steve digitou e apertou "enter", a charada foi substituída por:

SÉRIE AZUL ATIVADA.

Em seguida:

TESTES QUATRO (BLOCO A), SETE (BLOCO D), E NOVE (BLOCO B) / AZUL PARA ACESSAR DADO (BLOCO E).

"Azul para (blue to) – a mensagem de Ammon". Karen disse rapidamente. "É isso – a mensagem recebida falava sobre a série azul, depois dizia, entrar com a resposta para senha". A resposta era esquife".

"E os números dos testes são a senha". David disse. "Tinham mais três coisas na mensagem antes de "azul para acessar". Devem ser as respostas dos testes – as "letras e números ao contrário", "tempo arco-íris" e "não conte".

David pegou uma caneta e virou o papel do relatório. A informação agora faz sentido. Ele desenhou cinco caixas em duas linhas, igual o mapa de Trent, nomeando-a mais ao sul como C. Depois ele temporariamente nomeou os outros, começando pelo topo à esquerda como A e indo para a direita e depois para a esquerda, pondo os números dos testes perto de cada letra.

"Supondo que este seja o lado de cima e que nós precisamos resolver os testes em ordem, nós iremos nos mover em zig-zag entre os blocos". David explicou.

"E supondo que os Trisquads não tenham problema com isso". John disse suavemente.

Rebecca sentiu sua excitação diminuir – pode ver a mesma expressão em seus colegas. Ela sabia que eles teriam que partir, mas não queria pensar nisso até estar lá.

Agora está. E os Trisquads estão esperando.

# Capítulo 5

Eles pararam na porta norte no escuro e abafado corredor, apertando os cadarços, ajustando os cintos e recarregando as armas.

"Você, Steve e Rebecca com o da esquerda, noroeste daqui. Daremos um tempo, depois Karen e eu sairemos.

Se você estiver certo, estaremos no bloco D; se estiver de ponta-cabeça, bloco B.

De qualquer modo, nós procuraremos o número do teste, e esperaremos vocês nos darem o "vai em frente".

John explicou.

"E se eu não...".

Karen interrompeu dizendo: "Se a gente não o ver em meia-hora, voltaremos aqui e esperaremos por Steve e Rebecca. Completaremos os testes se for possível".

"Certo". David disse. "Ótimo".

Eles estavam preparados. Haviam infinitas variáveis da equação que poderiam tornar o simples plano, difícil.

"Alguma pergunta antes de irmos?".

Rebecca começou a falar com preocupação. "Eu quero lembrar a todos para terem bastante cuidado com o que tocarem, ou o que os tocarem. Os Trisquads são portadores, então tente não se aproximar deles, principalmente se estiverem feridos".

David pensou nas centenas de milhões de partículas do vírus que poderiam haver numa gota de sangue...

Todos esperaram por seu sinal. Ele deixou os pensamentos de lado e colocou a confiança na sua arma, tocando a maçaneta da porta.

"Prontos?". Com silêncio, agora, no três – um... dois... três".

Ele abriu a porta e saiu para o quente ar da noite ouvindo o barulho das ondas. Estava mais

claro do que antes. A quase lua-cheia havia se erguido, iluminando o complexo. Nada se moveu.

Bem na frente dele a uns vinte metros estava o destino de Karen e John. Tinha uma porta de frente para o bloco C; eles não precisarão contornar o prédio para entrar.

David saiu da porta para a sua esquerda, encostado na fina sombra da parede. Ele podia ver a frente do prédio que esperava ser o A, alto, pinheiros à esquerda e atrás dele. Havia uma porta no meio dele, e nenhuma proteção ao longo dos trinta e pouco metros que os separavam. Uma vez fora de C, eles estarão totalmente vulneráveis.

Ele respirou fundo e correu abaixado para a porta do bloco. Seu corpo esperava por uma rajada de balas; a aguda dor que o levaria para o chão. Mas estava silencioso. Os Segundos demoraram uma eternidade para a porta ficar mais perto, maior...

Então a maçaneta estava sob seus dedos sendo girada, entrando numa sufocante escuridão – virando, viu Rebecca e Steve chegando.

David fechou a porta rapidamente e sem fazer barulho, sentindo o vazio da sala, a falta de vida – e então o cheiro o atingiu.

Era o mesmo cheiro da casa dos barcos só que cem vezes mais forte. David conhecia o cheiro. Se deparou com ele numa floresta na América do Sul, num acampamento cultista em Idaho *(Nota 8)* e no porão da casa de um serial kiler. O cheiro de podridão era inesquecível.

*Quantos haverão aqui?*

O raio de luz rasgou a escuridão e encontrou uma pilha de corpos que tomava conta de um grande depósito, não havia como ter certeza de quantos corpos estavam lá; eles já estavam derretendo uns nos outros, a carne negra e enrugada dos corpos empilhados no úmido calor. Talvez quinze, talvez vinte...

Steve se afastou e vomitou – um grosso som na quieta sala.

David procurou no resto da sala, encontrando uma porta com a letra A escrita em preto.

Sem olhar para o monte, ele levou Rebecca para a distante porta agarrando Steve.

Eles saíram num corredor sem janelas, e tinha um interruptor de luz perto da porta. David o ignorou por um momento, esperando seus jovens colegas se acalmarem.

Parece que os funcionários da Umbrela de Caliban Cove foram encontrados.

Karen e John esperaram um minuto depois que os outros foram. Abriram a porta o suficiente para ouvir. O ar passou pela abertura. Ao longe o barulho das ondas mas nenhum tiro, nenhum grito.

Karen fechou a porta e olhou para John. "Já devem ter entrado. Quer ir na frente ou prefere que eu vá primeiro?".

"As minhas mulheres sempre vão primeiro". Ele sussurrou. "Isso quando eu vou junto, se é que você me entende".

"John, só responda a pergunta".

"Eu vou. Espere até eu atravessar, depois siga".

Ela se afastou para deixá-lo passar.

Assim que ele colocou a mão na maçaneta, respirou fundo e a girou. Nenhum som, nenhum movimento lá fora.

Segurando sua Beretta, ele se afastou do prédio e moveu-se rapidamente para a porta a uns vinte passos à frente.

Alcançando a porta, tocou a fria tranca de metal – ela não se moveria. Estava trancada.

Sem pânico. Ele fez um sinal para Karen esperar e seguiu para a sua direita. Fez a curva sentindo o duro concreto contra o seu ombro esquerdo e coxa.

Tinha outra porta de frente para o mar.

*Rat-atat-atat-atat!*

As balas acertaram o chão. John recuou encostando-se na parede, agarrando a fechadura. Vindo da direção da casa dos barcos, um fila de três – John abriu a porta e pulou atrás dela, ouvindo o ping-ping-ping delas esmagando o metal, parando a centímetros de seu corpo.

Ele segurou a porta aberta com os pés, deu uma rápida olhada e mirou no flash de luz, apertando o gatilho enquanto pedaços de concreto e poeira vinham da parede.

Outra olhada e a fila estava mais perto, as três figuras ganhando forma. John atirou

novamente pelo espaço da porta – e quando olhou de novo, só haviam dois em pé.

John virou e viu mais dois a uns três metros no canto nordeste do prédio, ambos com metralhadoras.

*Mas não se mexeram para atirar.*

As M-16 ainda estavam se aproximando, mas ele só via as criaturas lá em pé, balançando em instáveis pernas.

O da esquerda tinha só metade da face; do nariz para baixo era uma líquida e polpuda massa de pele, pedaços escuros pendurados por fibras de carne. O da direita parecia intacto até ele ver sua barriga; a mole e saliente cobra de intestinos através de sua camisa ensangüentada.

*Não vai atacar enquanto A estiver terminando.*

John recuou para dentro do prédio, segurou a porta aberta contra o par que ainda atirava. Ele mirou cuidadosamente. Nenhuma das criaturas se mexeu para se proteger, só ficaram lá, o observando.

*Bam! Bam!*

Dois tiros certeiros na cabeça explodiram sob o som das metralhadoras. Antes deles caírem no chão, John ouviu outro tiro de nove milímetros.

*Karen.*

Ele olhou em volta da porta e viu as figuras do time ativo a uns trinta metros, um deles ainda atirava com a arma apontada para o céu.

Karen surgiu de entre os prédios com a arma ainda apontada para o convulsivo atirador, de costas para John.

"Não atire nele! Aqui, deixa ele!".

Ela virou para John e ambos entraram no bloco. Assim que ela fechou a porta o som da metralhadora cessou.

A respiração irregular de Karen quebrou o silêncio da escura sala.

"Ei John, foi bom para você?".

Ele piscou os olhos registrando as palavras vagarosamente.

"Indo Primeiro". Ela completou. "Foi como você esperava?".

"Não teve graça". Ele disse.

Um pouco depois eles começaram a rir.

Enquanto eles se moviam pelo corredor, Rebecca pensava em Nicolas Griffith, sobre a história das vítimas do Marburg – e não haviam provas de que ele está por trás do massacre do pessoal da Umbrela, ela não conseguia abalar o pensamento de que ele é o responsável.

O corredor os levou através de várias salas, tão sem vida quanto as do bloco o qual vieram. Eles passaram pela saída no lado mais distante do bloco e depois de outra curva no corredor, finalmente chegaram a uma outra porta marcada com a letra A, e embaixo, 1-4. Haviam três triângulos debaixo dos números, cada um com cores diferentes – vermelho, verde e azul.

David abriu a porta, revelando um hal. Rebecca viu mais triângulos coloridos na porta 1 à direita. Outra não tinha nada.

"Eu fico com o teste". David disse. "Steve, você e Rebecca verão a outra porta. Nos encontraremos aqui".

Rebecca balançou a cabeça e viu Steve fazer o mesmo. Ele parecia um pouco pálido, mas forte o suficiente. Ele soltou o olhar ao perceber que ela o estava observando. Rebecca sentiu uma simpatia por Steve, percebendo que ele estava envergonhado por ter jogado o almoço fora.

Os dois abriram a porta e saíram numa outra sala sem janelas, abafada e quente como o resto do lugar.

Rebecca acendeu as luzes e um grande escritório cheio de estantes, apareceu. Uma mesa de aço ficava no canto próxima a um porta-arquivos com as gavetas vazias e abertas.

"Você quer a mesa ou as estantes?". Steve perguntou.

"Acho que as estantes". Rebecca escolheu.

Ele sorriu quase tímido. "Melhor assim. Talvez eu ache algumas balas de hortelã numa das gavetas".

Rebecca sorriu agradecida pela brincadeira. "Guarde uma para mim".

Eles se olharam, ainda sorrindo – e Rebecca sentiu um calafrio de excitação através do corpo.

Steve desviou o olhar primeiro com a cor de suas bochechas mais rosas do que antes. Ele foi para a mesa e Rebecca para a fileira de livros, sentindo-se um pouco corada. Havia uma definitiva atração lá, e parecia ser comum.

Os livros eram sobre o que ela esperava. Química, biologia, modificação de comportamento e vários boletins médicos.

Ela correu a mão, puxando os livros. Talvez haja algo escondido atrás de um deles.

*... sociologia, Pavlov*[(Nota 9)]*, psicologia, psicologia, patologia –*

Ela parou, olhando um fino livro preto entre dois grandes. Sem título. Ela o pegou e sentiu seu coração acelerar ao abrir o pequeno livro, vendo as rabiscadas letras escritas à mão.

Ela viu "Tom Athens" escrito em letras boas na capa de dentro.

*Um dos caras da lista, um dos cientistas!*

"Eu achei um diário". Ela disse. "É de uma das pessoas da lista do Trent, Tom Athens".

Steve tirou os olhos da mesa. "Mesmo? Vá para o final, qual é a última data?".

"Diz 18 de julho – mas não parece que ele o mantinha certo. A data antes dessa é 9 de julho...".

"Leia a última inscrição". Talvez nos diga o que está acontecendo". Steve disse.

Ela foi para a mesa e inclinou-se nela, limpando a garganta.

*"Sábado, 18 de Julho. Esse foi um longo e ridículo dia, o fim de uma longa e ridícula semana. Eu juro por Deus, eu vou bater no Louis se ele convocar mais uma reunião. Foi para adicionar ou não outra Ocasião no programa Trisquad, como se precisássemos de outra. Tudo o que ele queria era tê-la no papel, e o resto foi seu besteirol de sempre – a importância*

*do trabalho em equipe, a necessidade de compartilhar informações, então nós todos podemos "ficar no rumo certo". Quer dizer, Jesus, é como se ele não conseguisse viver sem o seu nome no semanal.*

*Ele não tem feito nada desde o desastre do Ma7, exceto por tentar e convencer todo mundo de que a culpa foi de Chin. É o fim da picada...*

*Alan e eu falamos sobre os implantes ontem, está indo bem. Ele vai descrever a proposta esta semana, e NÃO deixaremos Louis tocá-lo. Com sorte, conseguiremos a luz verde no fim do mês. Alan acha que os White boys vão querer fazê-los antes de Birkin, só Deus sabe porque; B. não dá a mínima para o que fazemos aqui, ele está longe de ser brilhante de novo. Eu tenho que admitir, eu quero saber qual será sua próxima síntese; talvez nós devemos malhar alguns dos nossos Trisquads.*

*Houve um pequeno susto no D na Quarta-feira, na 101. Alguém deixou o refrigerador aberto, e Kim jurou que estavam faltando alguns produtos químicos. Estou começando a achar que ela errou na contagem de novo. É difícil de acreditar que ela está encarregada do processo de infecção. Ela é negligente para cuidar do equipamento.*

*Estou surpreso por ela não ter infectado o complexo inteiro. Deus sabe que há o bastante para isso.*

*Eu mesmo deveria conferir o D, para ter certeza de que está tudo pronto para amanhã. O Griffith tem pedido para observar o processo; primeira vez que ele se interessou pelo que estamos fazendo. Eu sei que é idiota, mas eu ainda quero que ele seja impressionado; ele é tão brilhante quanto Birkin, em seu próprio modo pavoroso. Eu acho que ele até intimida Louis, e Louis é geralmente burro demais para isso.*

*Mais tarde.".*

O resto das páginas estavam em branco. Rebecca olhou para Steve, incerta sobre o que fazer, sua mente trabalhando para juntar os pedaços de informações relevantes. Havia algo lá que a incomodava.

*Elementos químicos faltando. Processo de infecção. O brilhante e pavoroso Dr. Griffith...*

Agora ela não tem mis dúvidas de que Griffith matou os outros, mas não foi o que a fez

dizer em voz alta. Foi...

"Bloco D". Steve disse. "Se nós estamos em A, Karen e John estão no D".

*Onde há T-virus suficiente para infectar o complexo inteiro. Onde o processo de infecção aconteceu.*

"Nós devemos contar para o David". Rebecca disse. Steve concordou. Eles foram para a porta. Rebecca esperando que John e Karen não achassem a sala 101 – e se achassem, que não tocassem em nada.

A sala de teste era grande, três das paredes marcadas com linhas formando três cubículos. Acendendo a luz, ele viu que os testes estavam claramente numerados e marcados com cores, os símbolos pintados no chão de cimento em frente de cada um.

Todos os testes da série vermelha estavam à sua esquerda, mais perto da porta. Ele viu blocos brilhantes e coloridos, simples figuras nas mesas em cada cubículo que passou, indo para o fundo da sala. A série verde estava demarcada na parede oposta. Ele a ignorou completamente.

A parede de trás era marcada com triângulos azuis. O teste número quatro ficava no distante canto direito.

Aproximando-se do fundo da sala, ele ouviu um fraco ruído de força vindo da área azul. Havia um pequeno computador na mesa do teste número dois. Um teclado e um fone na do três. Como prometido, as séries estavam ativadas.

Ele parou em frente do último cubículo, voltando sua atenção para a tarefa. Ele não estava certo sobre o que veria, mas o tipo do teste o surpreendeu. Uma mesa e uma cadeira de metal cinza. Na mesa havia um bloco de papel, um lápis e um tabuleiro de xadrez com todas as peças no lugar. Assim que ele entrou no cubículo, viu uma placa de metal na superfície da mesa com números marcados nela.

David sentou na cadeira olhando para os números.

9-22-3 // 14-26-9-16-8 // 7-19-22 // 8-11-12-7

Olhou para o tabuleiro e então de volta aos números. Nada mais para ver; isso era tudo. Ele ordenou rapidamente as dicas da mensagem de Ammon, imaginando qual seria a resposta.

Era "letras e números ao contrário" ou "não conte"? não parecia ser nada relacionado com o tempo ou arco-íris, tinha que ser um dos dois...

*Se as linhas estão na mesma ordem que os testes, este é letras e números ao contrário. Mas que letras, não tem nenhuma.*

David sorriu de repente sacudindo a cabeça. Os números na placa não são maiores que 26; era um código, e bem simples.

Ele pegou o lápis, escreveu o alfabeto e o numerou de trás para a frente; A era 26, B 25 até Z, 1.

David começou a decifrar a mensagem.

*R... E... X... M...*

A última letra era T. Ele olhou para a frase e depois para o tabuleiro. Parecia que alguém tem senso de humor.

REX MARKS THE SPOT

"Rex" significa "rei" em Latim.

Branco sempre começa, então...

Ele tocou o rei branco. Assim que o dedo dele tocou na peça, ela girou em volta e ficou de frente para as costas do tabuleiro. Ao mesmo tempo, um suave som musical veio de cima. Ele olhou para o teto e viu um alto falante.

Nada mais aconteceu, nenhuma luz piscando ou passagens secretas atrás da parede. Aparentemente ele passou.

Parecia ser um complicado teste para alguém supostamente tão burro quanto o zumbi de um Trisquad. Os cientistas deviam ter planos para algo mais... inteligente...

David levantou e foi para a frente da sala – assim que a porta abriu. Rebecca e Steve entraram com expressões amedrontadas.

"O que foi?"

Rebecca ergueu o livro falando rápido. "Ele diz que o vírus foi usado para infectar os

Trisquads no bloco D, na sala 101. Tudo pode estar bem a não ser que John ou Karen tocaram algo contaminado".

Foi o bastante. "Vamos!".

Eles correram pelo caminho a qual vieram em direção a saída.

Eles estavam no iluminado corredor no centro do bloco D, silenciosamente escutando pelo som que os diria sobre a chegada de David. De lá eles eram capazes de escutar uma das três portas externas sendo usadas. Depois de vasculharem o prédio e achado a sala do teste, ela e John liberaram todas as portas de saída.

Karen olhou no relógio e esfregou os olhos, sentindo-se cansada por tudo o que aconteceu naquela noite, e ainda enjoada pelo que acharam na sala 101.

Até John estava mais quieto do que o normal. Não fez uma piada desde que voltaram para esperar.

Talvez ele esteja pensando nas macas com sangue. Ou nas seringas. Ou no equipamento médico amontoado na pia...

Eles encontraram a sala do teste primeiro, uma grande sala cheia de pequenas mesas, cada uma marcada com números entre cinco e oito; Karen ficou desapontada de algum modo por ver que o número sete da série azul era só um punhado de ladrilhos coloridos com letras neles – metade deles de cabeça para baixo e ilegíveis. As cores correspondiam às do arco-íris, apesar de ter duas peças violeta a mais no monte.

Desde que eles não podiam bagunçá-lo até David completar o primeiro teste, ela sugeriu voltar e explorar o resto do bloco.

Eles passaram por alguns escritórios vazios e uma cafeteria bagunçada, onde acharam uma caixa de rosquinhas incrivelmente mofadas. Foi o laboratório químico que os disse sobre o tipo de lugar que a Umbrela criou. Karen não acreditava em fantasmas mas a sala deu uma sensação jamais experimentada; era fria, simples e assombrada pelo medo e pelo o frio; à moda de um cientista nazista cometendo atrocidades contra o companheiro.

"Você está pensando naquela sala?". John perguntou.

Karen acenou mas não disse nada.

... a porta da sala 101 estava claramente marcada com um símbolo de risco biológico, fazendo eles discutirem sobre entrar ou não. John dizia que o ambiente poderia estar contaminado.

Karen dizia que nenhum deles tem cortes ou arranhões, e que poderiam achar algo sobre o T-virus. A verdade era que ela não queria deixar essa oportunidade passar; queria ver o que estava atrás da porta fechada, porque estava lá.

John tinha finalmente concordado e eles entraram, pisando numa pequena passagem que estava cercada de folhas de plástico pesado. Haviam chuveiros acima e um ralo no chão; uma área de descontaminação.

Uma segunda porta dava para uma sala que os levou para o sonho de um cientista maluco.

Vidro triturando sob os pés. Um cheiro de suor sob o odor de água sanitária...

John acendeu as luzes e antes da grande sala poder ser vista, Karen sentiu seu coração acelerar. Se parecia com outros laboratórios a qual ela trabalhou; bancadas e estantes, pias de metal e um grande refrigerador de inox no canto com uma trava na maçaneta. E de algum modo – o lugar era tão familiar. Um lugar que ela sempre se sentia em casa.

As pequenas diferenças eram as mais dramáticas. A sala era dominada por uma limpa mesa de autópsia, adaptada com amarras de velcro. Haviam outras duas macas de hospital, adaptadas do mesmo jeito, junto a ela.

Ao se aproximar de uma delas, Karen viu uma escura e seca marca na ponta; o fino colchão estava ensopado de sangue no lugar onde os tornozelos e pulsos de um homem deviam ficar.

No fundo da sala estava uma jaula do tamanho de um closet. Próximo a ela, vários postes finos apoiados na parede com aproximadamente um metro de comprimento – cheio de agulhas hipodérmicas.

Esses são tipos de instrumentos usados para dopar animais selvagens.

Karen olhou para a maca, tocando levemente a seca mancha, imaginando que tipo de pessoa participou de um experimento como esse. A mancha seca de sangue era velha e empoeirada fazendo-a pensar sobre como as vítimas sofreram esperando na jaula,

provavelmente observando alguns homens de luvas injetando um vírus

mutante em um ser humano amarrado...

O olho direito de Karen coçou, tirando sua concentração dos terríveis pensamentos, trazendo-a de volta para o presente. Ela o esfregou, e depois olhou no relógio de novo. Se passaram apenas vinte minutos desde que o time se separou.

O som de uma das portas foi ouvido, seguido pelo grito de David através do corredor. Ele veio pela entrada oeste.

"Karen, John!".

John olhou para ela, que sentiu uma onda de alívio. David estava bem.

"Aqui! Continua andando!". John respondeu. "Vire à direita!".

David apareceu dentro de alguns segundos, sua face coberta de preocupação.

"Está tudo...". Karen começou a perguntar mas foi interrompida por David.

"Vocês acharam a sala 101?".

"Sim, no oposto de onde você veio". John disse sorrindo.

"Algum de vocês tocou algo? Vocês tem cortes ou pequenos ferimentos que podem ter entrado em contato com alguma coisa?". David falou rápido. "Nós achamos um diário dizendo que essa sala era usada para infectar Trisquads".

John sorriu de novo. "Sério. Nós descobrimos isso em uns dois segundos".

Karen ergueu as mãos para David vê-las. "Nenhum arranhão".

David exalou forte. "Graças à Deus. Eu pensava no pior vindo para cá. Nós achamos os cientistas no bloco A; Ammon estava certo, ele os matou – e o nosso "ele" agora tem um nome. Rebecca está certa de que é Nicolas Griffith. Ele foi o cara que ela reconheceu da lista do Trent. Ele tem uma história e tanto, ela te conta quando nos reagruparmos...".

"Caramba David, eu não sabia que você se preocuparia. Ou que você achasse que nós seríamos burros o bastante para nos espetarmos com agulhas sujas, num lugar como esse".

David riu. "Por favor, aceitem as minha sinceras desculpas".

"Onde o Steve e a Rebecca estão?". Karen perguntou.

"Provavelmente na próxima área do teste. Eu os vi entrando no bloco B antes de vir aqui... vocês acharam o teste sete?"

"Por aqui". John disse assim que eles caminhavam pelo corredor. Ele começou a contar a luta que tiveram contra os Trisquads.

Karen seguiu, esfregando a chata coceira em seu olho direito. Ela deve tê-lo irritado com tantas cutucadas.

Parece estar piorando. E para completar, sentiu uma dor de cabeça chegando.

Ela nunca teve dores de cabeça a não ser que tivesse algo. O mergulho no mar deve ter dado um resfriado a ela – e a pulsação na sua cabeça não será piedosa.

# CAPÍTULO 6

Depois de instruir Athens e mandá-lo para o seu rumo, ele preparará as seringas e escolherá um lugar para se esconder. Não havia mais nada para fazer a não ser esperar. Ele andava pelo laboratório preocupado. E se o Athens esqueceu como carregar um rifle? E se os intrusos tiverem poder de fogo para derrubar um Ma 7?

*Ele se preparou para todas as possibilidades. Mas se algo falhar?*

Eu vou matá-los pessoalmente! Eu vou estrangulá-los com as minhas próprias mãos! Eles não me impedirão de fazer o que deve ser feito. Não podem... não depois de eu ter feito tudo... não depois de tudo o que eu fiz para chegar até aqui...

Pela segunda vez naquele dia, ele se lembrou da tomada do complexo... as estranhas imagens daquele claro e ensolarado dia há menos de um mês atrás. Ao invés de bloquear os pensamentos como fez antes, ele os deixou vir, convidando-os. Ele parou de andar e se sentou na cadeira fechando os olhos.

*Um claro e ensolarado dia...*

Ao perceber o que devia ser feito, Griffith planejou tudo por duas semanas, trabalhando em cada detalhe. Ele gastou tempo lendo sobre os Trisquads e memorizando a rotina diária do estabelecimento. Ele observou os hábitos dos colegas, até poder dizê-los de trás para a frente. Ele olhou por horas os esboços que fez de cada prédio, caminhando neles em sua mente milhares de vezes. Depois, ele escolheu a data – e alguns dias antes, ele entraria na sala de processamento dos Trisquads e roubaria alguns frascos de medicação extremamente poderosa.

*Quilosintesína, Mamesidina, Tralfenide; tranquilizadores de animais e um narcótico sintetizado. Alguns dos melhores trabalhos da Umbrela...*

Só levou uma tarde para pegar o que queria. Então ele esperou tanto quanto agora...

O dia antes de executar o plano, seria para observar a produção de um Trisquad e depois pedir para que Tom Athens venha ao laboratório depois do jantar, para discutir algumas idéias particularmente. Athens ficou feliz em aceitar – e depois de uma boa xícara de café ele se tornaria a primeira experiência do milagre de Griffith.

Griffith sorriu, relembrando daqueles gloriosos momentos. Se ele tivesse falhado, o plano teria sido abortado. Mas o incrível sucesso de sua criação provou o contrário. Ele não teria outra escolha a não ser continuar.

... e na cozinha. Os sedativos nas xícaras de café, bolos, injetados cuidadosamente nas frutas e dissolvidos no leite e nos sucos.

Dos dezenove homens e mulheres que viveram e trabalharam em Caliban Cove, só uma não tomava o café da manhã, Kim D'Santo, a jovem e ridícula mulher que trabalhou com o T-virus; Griffith mandou Athens cortar sua garganta dela enquanto dormia, antes do sol nascer.

*E foi um claro e ensolarado dia sem nuvens, enquanto eles devoravam o café da manhã. Saindo para o fresco ar da manhã e caindo no chão logo depois. Alguns fizeram isso dentro da cafeteria depois de descobrir que foram envenenados. As palavras decaíram e a droga os levou ao chão.*

Griffith tentou lembrar o que veio depois. Ele escolheu Thurman, incapaz de resistir a tentação de lhe mostrar sua nova criação. Depois Alan Kinneson.

Thurman e Athens depositaram os outros corpos no bloco A. Lyle Ammon ficou escondido por um tempo mas foi achado por um Trisquad mais tarde, à noite. Nicolas jantou e foi para a cama, acordando cedo para mover papéis e programas para o laboratório.

Ele olhou no relógio. Se passaram alguns minutos desde que os doutores saíram. Se sentiu aliviado por ter descansado um pouco – mas o alívio foi embora ao pensar nos intrusos que invadiram o seu território.

*Eles não vão me parar. Ele é meu.*

Griffith se levantou e começou a andar de lá para cá, esperando.

O teste "tempo arco-íris" número sete, demorou um pouco menos para terminar do que o quatro.

John e Karen mostraram a David a pequena mesa na grande sala. David desvirou as peças coloridas e as deitou.

Abaixo do monte de peças estava uma cavidade alongada, talvez uns trinta centímetros de comprimento; estava claro de que só sete dos ladrilhos caberiam.

*Sete cores no arco-íris, sete peças. Simples. Mas por que existem nove delas?*

David as ordenou pelas cores, colocando-as debaixo a cavidade. Cada peça tinha uma letra pintada de preto.

Vermelho, laranja, amarelo, verde, azul, anil – e três peças violeta com três letras diferentes.

"Isso deveria soletrar algo?". John perguntou.

Da esquerda para a direita, os seis primeiros ladrilhos formavam, J F M A M J.

"Não é Inglês". Karen disse.

As outras peças violeta eram J, M e F.

"É um daqueles em que você deve adivinhar o próximo". David disse. "Aparentemente relacionado com o tempo.

Sugestões?"

John e Karen olharam para o quebra-cabeça, estudando as letras.

Claro que eles estão cansados mas pelo menos estão tentando...

David olhou de volta para as peças tentando se concentrar, mas não parecia conseguir uma idéia coerente.

John franziu de repente com uma triunfante luz em seus olhos. "As letras são dos meses – Janeiro, Fevereiro, Março, Abril, Maio, Junho... Julho. É a J, a última letra é a J".

"Brilhante". David disse passando a colocar as peças na cavidade enquanto John cutucava Karen com seu cotovelo. "E você pensou que eu só servia para um bom sexo".

Como sempre, Karen não se aborreceu em responder. Aliviado, David colocou a última peça no lugar, ouvindo um leve click antes do arco-íris afundar levemente, talvez um milímetro.

Acima deles, um gentil som veio de um alto falante. Este escondido por uma fluorescente.

"Isso é tudo?". John disse. "Nada mais?".

David se levantou sorrindo fraco. "Eu me senti do mesmo jeito com o outro. Nós devemos ir para ver como o Steve e a Rebecca estão se saindo".

"Modo interessante de dizer, David". John disse rindo. "Boa".

Levou um tempo para que David entendesse, enquanto Karen girou os olhos quase que imediatamente – depois os coçou. Quando ela abaixou a mão, David viu que seu olho direito estava injetado de sangue. O esquerdo estava levemente descolorido mas não tão mau.

Ela percebeu seu olhar e sorriu. "Eu o irritei de algum jeito. Ele coça, mas está bem".

"Não coce, pode piorar". David disse indo para a porta. "E deixe a Rebecca examiná-los quando nos encontrarmos."

Eles voltaram para o corredor e foram para a saída. David se preparando para outra corrida pelo complexo.

Segundo seus cálculos, já foram derrubados três Trisquads inteiros; três homens fora da casa de barcos e um quarto na ida para o primeiro prédio, depois os cinco de John e Karen entre os blocos C e D.

*Informação útil se você soubesse quantos deles existem.*

Ele ignorou o sarcasmo ao alcançarem a porta de metal, Karen voltando para apagar a luz. Eles empunharam as armas e respiraram fundo.

O que quer que esteja para acontecer, ou que já está acontecendo – os fatos já estão firmemente no lugar; unir os pedaços de um quebra-cabeça.

David parou na porta destravando a Beretta. Rebecca e Steve estavam esperando no bloco B.

O silêncio da sala do teste só era quebrado pelo leve "hum" das máquinas marcadas com números azuis, de nove a doze, e pelo virar de páginas do diário de Athens que Rebecca lia. Steve sentou na ponta da mesa e a viu ler, seus pensamentos inquietos e preocupados enquanto esperavam os outros aparecerem.

Seu peito doía levemente. Um tanto pela bala que o atingiu e outro pela preocupação por John e Karen.

Depois de uma rápida olhada nas outras salas do prédio, eles concordaram que a sala do teste era o lugar de esperar. Parecia que o bloco B era inteiramente dedicado a aspectos cirúrgicos de pesquisas de armas biológicas; todas as salas brancas e de aço, ameaçadoras e desagradáveis.

Rebecca ergueu a cabeça. "Escute isso".

*"Eles ainda estão esperando pela nossa resposta sobre a expansão, desde que Griffith movimentou o tempo de amp. Nós conseguimos o espaço para vinte unidades, mas eu vou segurar no máximo doze; nós não seríamos capazes de nos concentrar no treinamento de mais de quatro times por vez. Ammon disse que vai me apoiar se houver briga".*

Steve balançou a cabeça, metade apavorado e metade aliviado pela informação. Eles já tiraram um Trisquad do caminho, mais algumas unidades machucadas ou mortas; isso era bom. Por outro lado, significava que ainda haviam alguns times vagando por aí – *A não ser que eles estejam "ativados" contra David e os outros...*

"Você sabe o que significa "movimentou o tempo de amp"?". Steve perguntou.

"Acho que Griffith acelerou o processo de amplificação. Amplificação é o termo para propagação de um vírus pelo hospedeiro".

Isso não era algo que ele queria ouvir.

"Ótimo. Você achou mais alguma coisa?". Steve perguntou.

"Não. Ele menciona Ma7 algumas vezes. Nada mais específico de que eles foram uma experiência com o T-virus que não deu certo. E ele é definitivamente meio imbecil".

"Meio?".

Rebecca sorriu brevemente. "Tá bom, é uma gíria. Ele é faminto por dinheiro, desgraçado imoral".

Steve pensou sobre o relatório dos Trisquads. Chamar as vítimas do T-virus de "unidades", fazendo salas de operações e testes de capacidade.

*É como se eles não admitissem o uso de seres humanos, gente de verdade...*

"Como eles puderam fazer isso?". Steve perguntou tanto para ele quanto para Rebecca.

"Como eles dormiam à noite?".

Ela olhou para ele como se tivesse uma resposta mas não sabia como dá-la. "Quando você se especializa num campo, principalmente quando esse campo requer pensamento linear e um foco bem definido num elemento – é meio difícil de explicar, mas é fácil de se perder nesse elemento, de esquecer que há um mundo fora dele. Ao perder dias olhando no microscópio, circundado de números, letras e processos... algumas pessoas se perdem. E se elas são instáveis, a ambição de preservar aquele elemento pode assumir o controle, tornando o resto descartável".

Steve percebeu onde ela queria chegar e se impressionou com o quanto pensativa ela era, o modo como ela se comunicava claramente...

*... tudo isso mais um sorriso que iluminava a sala; se – quando nós sairmos daqui, eu vou me mudar para Raccoon City. Ou ao menos ver se ela está saindo com alguém...*

De algum lugar no prédio, passos. Steve pulou da mesa e foi para a porta.

Saindo no corredor, ele ouviu a voz de David.

"No fundo!". Steve gritou, depois esperou ansiosamente observando a esquina do corredor – esperando David aparecer. John e Karen saudáveis e sorrindo. Rebecca ficou ao lado de Steve esperando o mesmo.

Instintivamente, ele agarrou a mão dela, sentindo um leve solavanco ao juntar os dedos. Ele esperava que ela puxasse a mão, mas não foi o que aconteceu.

A voz de John ecoou no corredor, alta e cheia de bom humor. "Coloquem as roupas, crianças, vocês tem companhia!"

Ela soltou a mão de Steve rapidamente, mas o olhar dela explicou tudo.

Ele sorriu levemente e voltaram a esperar pelos outros.

Ela ainda podia sentir o calor da mão de Steve enquanto David, John e Karen cruzavam o corredor. John sorrindo largamente.

"Desculpe interromper, mas nós achamos que vocês precisassem de ajuda". John disse. "Nada como um jovem amor, não estou certo?"

Assim que os três entraram na sala, Rebecca lutou para tirar a vergonha que sentiu, sentindo-se terrivelmente não profissional. Tudo que eles fizeram foi dar as mãos, só por um segundo.

John deve ter percebido o embaraço dela. "Ah, não liga para mim". Ele disse, seu sorriso desaparecendo. "Eu só estava enchendo o saco do Steve. Eu não quis dizer nada com aquilo"

"Eu acho que nós temos coisas mais importantes para discutir". David interrompeu. "Nós precisamos de atualização. Eu quero rever algumas coisas"

Ele viu o diário que ela ainda segurava. "Eles acharam a sala mas não tocaram em nada. Você achou mais alguma coisa útil?"

Ela ficou aliviada com a notícia e agradecida pela mudança de assunto. "Parece que só há quatro Trisquads, apesar da informação ter seis meses de idade.

"Excelente. John e Karen tiveram outro encontro fora do D e mataram cinco unidades. Isso significa que só deve restar um grupo". David disse.

Eles tiraram as cadeiras das mesas que acompanhavam a parede e formaram um semicírculo no meio da sala.

David ficou em pé se dirigindo a eles formalmente.

"Eu quero recapitular rapidamente para ter certeza de que estamos na mesma página antes de prosseguir.

Resumindo, este lugar era usado para experiências com o T-virus e foi dominado por um dos cientistas por razões desconhecidas. Os outros foram mortos e os escritórios limpos de evidências". Rebecca acha que o bioquímico Nicolas Griffith é o responsável. O fato do complexo ainda estar sendo patrulhado sugere que ele está vivo em algum lugar. Eu não acho que devemos nos preocupar em achá-lo. Nós já completamos dois testes dados para nós pelo Dr. Ammon, através do Trent. E eu espero que o "material" que esteja escondido seja a prova que precisamos para incriminar a Umbrela"

Ele cruzou os braços e começou a andar enquanto falava. "Obviamente já existem várias provas das ilegalidades ocorridas aqui; nós podemos partir agora e jogar o problema nas mãos dos federais. A minha preocupação é que nós não temos provas sobre o envolvimento da

Umbrela – outra além do computador e do diário. O nome da

Umbrela não está em nenhum deles, sendo que ambos podem ser descartados. Na minha opinião, devemos continuar com os testes e descobrir o que o Dr. Ammon tem para nós. Mas eu quero ouvir cada um de vocês

primeiro. Esta não é uma operação autorizada, não estamos recebendo ordens e se vocês acham que devemos ir, nós vamos"

Rebecca ficou surpresa e pôde ver o mesmo nas expressões dos outros. David parecia tão certo antes, tão empolgado. Agora seu olhar conta outra história. Ele estava tão certo sobre continuar e agora parece querer outro caminho.

Por que a mudança? O que aconteceu?

John falou primeiro, olhando para os outros antes de David. "Bom, nós viemos até aqui. E se há mais um grupo de zumbis lá fora, eu digo para terminarmos"

Rebecca acenou. "É, e nós ainda não encontramos o laboratório principal. Nós não sabemos porque Griffith fez isso – ou ele sofreu um ataque psicótico ou está escondendo algo. Podemos não descobrir mas vale a pena dar uma olhada. E mais, e se ele destruir mais provas depois de irmos embora?"

"Eu concordo". Steve disse. "Se o S.T.A.R.S. está envolvido com a Umbrela como parece, nós não vamos conseguir outra chance. Esta pode ser a única oportunidade de fazer uma conexão. E já estamos tão perto, o terceiro teste está bem aqui – nós o resolvemos e estamos um passo mais perto do fim".

"Também concordo". Karen disse.

Através da tensa voz, Rebecca desviou sua atenção, percebendo que Karen não parecia muito bem. Seus olhos estavam injetados de sangue.

"Você está bem?". Rebecca perguntou.

"Tô. Dor de cabeça".

"O que foi David?". John perguntou bruscamente. "O que está te incomodando? Você sabe

de algo e não quer nos dizer?".

David os encarou por um momento depois balançou a cabeça. "Não, nada disso. É só – eu tenho um mau pressentimento. Um sentimento de que algo ruim acontecerá"

"Um pouco tarde, não acha?". John disse sorrindo. "Onde você estava quando nós entramos no barco?"

David sorriu em resposta, esfregando a nuca. "Obrigado, John, eu quase esqueci. Então está decidido. Vamos resolver o próximo teste, não é? Ó, Rebecca, dê uma olhada no olho de Karen enquanto resolvemos"

Eles se levantaram e foram para o fundo da sala, para a mesa no canto noroeste com um nove azul marcado.

Steve e Rebecca já o viram quando a sala foi encontrada; um pequeno monitor na mesa de metal.

Rebecca pediu para que Karen se sentasse na cadeira do teste dez, que também não fazia sentido; era um quadro de circuito ligado a uma tábua, e o que parecia ser um par de pinças conectadas a ela por um fio preto.

O olho direito da mulher estava extremamente irritado, a pálida córnea azul flutuando num mar de vermelho. A pálpebra tinha um magoado e inchado olhar.

Ela se virou para pedir a lanterna de David e viu que ele estava sentado em frente do teste. A tela mostrou várias linhas escritas no centro.

"Algum tipo de sensor de movimento" – Steve disse sendo interrompido por David, que começou a ler em voz alta.

*"Assim que eu ia para Saint Ives, eu conheci um homem com sete esposas – as sete esposas tinham sete sacolas, as sete sacolas tinham sete gatos – os sete gatos tinham sete malas; malas, gatos, sacolas, esposas, quantos estavam indo para Saint Ives?"*

Havia um cronômetro digital na tela, mostrando 00:49 e diminuindo. Onze segundos se passaram.

David olhou para o monitor, pensando furiosamente assim que o time se inclinava atrás

dele. Ele sentiu uma gota de suor cruzar sua testa.

*Não conte, essa era a dica. Mas o que significa?*

"Vinte e oito". John disse rapidamente. "Não, espere, vinte e nove incluindo o homem "

Steve o interrompeu. "Mas se eles tem sete malas cada, seria quarenta e nove mais vinte e um, setenta, setenta e um com o homem".

"Mas a mensagem dizia não conte". Karen disse. "Se não é para contar – significa não some, ou – espere, tem o homem com as esposas e o narrador, é mais um"

Trinta e dois segundos se foram. A mão de David pairou sobre o teclado.

*Pense! Não conte, não conte, não.*

"Um". Rebecca falou rapidamente. "Assim que eu ia para Saint Ives – não diz para onde o cara com as esposas ia. Isso é o que a dica quer dizer. Não conte ninguém exceto quem ia para Saint Ives!"

É, faz sentido. É uma pegadinha.

Eles tinham vinte segundos restando.

"Alguém discorda?". David perguntou apressado.

Ninguém se opôs. David apertou a tecla...

... e a contagem parou restando dezesseis segundos. O monitor se desligou sozinho. De algum lugar acima o familiar som foi ouvido.

David exalou, voltando a se encostar na cadeira. Obrigado, Rebecca!

Ele se virou para dizer, mas ela já estava examinando Karen.

"Eu preciso de uma lanterna". Ela disse olhando em volta assim que John a deu uma. Ela ligou e iluminou o olho de Karen enquanto os outros observavam e silêncio.

"Está bem inflamado... olhe para cima. Para baixo. Esquerda e direita? Tem algo incomodando ou está queimando?"

"Na verdade é uma coceira". Karen disse. "Que nem uma picada de mosquito. Eu tenho

coçado ele. Deve ser por isso que está tão vermelho"

Rebecca desligou a luz. "Eu não vejo nada. O outro parece irritado também... começou a coçar de repente ou você tocou primeiro?"

"Eu não lembro. Só começou a coçar, eu acho"

Um olhar de violenta intensidade tomou conta do rosto de Rebecca "Antes ou depois de entrar na sala 101?"

David sentiu uma fria mão apertar seu coração.

"Depois". Karen respondeu.

"Você tocou algo enquanto esteve lá, qualquer coisa?"

"Eu não". Os olhos vermelhos de Karen se alargaram e quando falou, foi um sussurro ofegante e agitado. "A maca. Tinha uma marca de sangue na maca e eu estava pensando sobre – eu a toquei. Oh, Jesus, eu nem mesmo pensei sobre isso. Ela estava seca e eu, minha mão não estava cortada e, oh meu Deus, eu fiquei com dor de cabeça depois do meu olho começar a coçar"

Rebecca colocou as mãos no ombro de Karen. "Karen, respire fundo. Fundo, tá bom? Pode ser que a dor de cabeça seja por causa de tanta coceira. Então não tire conclusões agora. Nós não temos certeza de nada". Sua voz foi baixa e suave, de modo direto. Karen respirou e acenou com a cabeça.

"Se a mão dela não estava cortada...". John disse nervosamente.

Karen respondeu a ele, sua face pálida e voz trêmula. "Os vírus podem entrar no corpo através de membranas mucosas. Nariz, orelhas... olhos. Eu sabia disso. Eu sabia mas não pensei, eu... não estava pensando nisso"

Ela olhou para Rebecca e David pôde ver que ela estava tentando manter sua compostura. "Se eu estou, quanto tempo? Quanto tempo antes de eu me tornar... incapacitada?"

"Eu não sei". Rebecca disse.

"Existe uma vacina, certo?". John perguntou voltando seu olhar para Karen e Rebecca. "Existe uma cura, eles não teriam uma seringa ou algo assim aqui, caso alguém se infectasse por

acidente? Eles tem que ter, não?

"É possível?". David perguntou para Rebecca.

A bioquímica balançou a cabeça no começo mas depois vividamente. "Sim, é possível. É provável que eles a criaram".

Ela olhou para David séria e urgente. "Nós temos que achar o laboratório principal, onde eles sintetizaram o vírus, e rápido. Se eles fizeram a vacina, é lá que a informação deve estar..."

"A mensagem de Ammon". Steve disse. "No bilhete, ele dizia que nós devemos destruir o laboratório – talvez ele nos tenha deixado um mapa ou direções".

David se levantou, sua esperança aumentando. "Karen, você se sente bem o bastante para... ".

"– Sim". Ela interrompeu David.

Deus, Karen, eu sinto, sinto muito!

"Duplo passo". Ele disse já indo para a porta. "Vamos".

Eles correram para a frente do prédio. John com sua mandíbula apertada, seus pensamentos em Karen.

*De jeito nenhum esse vírus vai pegar a Karen, Sem chance. E se eu achar o desgraçado que fez isso, ele está morto. Não a Karen, nem no inferno...*

Alcançando a porta, eles checaram as armas e esperaram pelo sinal de David.

"Eu vou na frente, John atrás, linha reta". David disse. "Prontos? Vamos"

David abriu a porta e eles deslizaram sob o som das ondas e a clara luz da lua. David depois Karen, Steve, Rebecca e finalmente John.

Havia a escuridão, o cheiro de pinho, de sal, mas a mente de soldado do John não dizia nada que ele já soubesse, enquanto cruzavam as sombras. Havia raiva e medo por Karen – fazendo a súbita explosão de uma M-16, uma total surpresa.

Merda!

John pulou no chão enquanto a rajada vinha da direita. Viu que estavam na metade do

caminho entre o bloco E.

Ele rolou e começou a atirar.

O ar se encheu de balas de nove milímetros e de rifles automáticos.

Não posso ver, não posso mirar.

Ele achou os flashes às três horas e direcionou a Beretta para lá, apertando o gatilho seis, sete, oito vezes. A luz alaranjada tirou os atiradores de vista, mas viu um dos flashes desaparecer, ouviu o barulho diminuir. – e a raiva tomou conta dele, não a "mente de soldado", mas sim um desconhecido e furioso grito contra os doentes atiradores. Eles queriam que Karen morresse. Aqueles pesadelos sem cérebro queriam impedi-los de salvá-la.

*A Karen não. A KAREN NÃO.*

Um estranho e selvagem ruído golpeou suas orelhas assim que ele se levantava do chão. E ele se levantou, correndo e atirando. Só quando ele ouviu o som das outras Berettas, percebeu que o grito vinha dele mesmo.

John corria e gritava enquanto atirava nas coisas que queriam para-los, matá-los, transformar Karen em um deles.

Ele continuou sem ver que eles pararam de atirar, que eles estavam caindo. E então ele estava de pé sobre eles, com a arma descarregada, e mesmo assim ele ainda puxava o gatilho.

Três deles, branco onde não tinha vermelho.

*Click. Click. Click.*

A face de um deles era uma massa de tecido enrugado e pele retorcida, exceto pelo buraco ensangüentado na testa. O olho do outro estava pendurado contra a bochecha atrofiada e um viscoso fluído armazenado na verte da orelha.

*Click. Click.*

O terceiro ainda estava vivo. Metade da sua garganta se foi e sua boca abria e fechava sem barulho, abria e fechava, seus olhos escuros piscavam lentamente para ele.

*Click.*

O grito de John morria.

"John?".

Uma quente mão em suas costas, a voz de Karen baixa e confortável próxima a ele. Steve e David apareceram, olhando para a criatura piscante no chão.

"Sim". Ele sussurrou. "Estou aqui".

David mirou a Beretta na cabeça do monstro e disse suavemente. "Afastem-se".

John se virou, começando a andar na direção de seu último destino. Karen ao seu lado, Rebecca à frente. O tiro foi incrivelmente alto, o crack pareceu ter chacoalhado o chão debaixo de seus pés.

*A Karen não, oh por favor, nenhum de nós.*

David e Steve se juntaram a eles e sem falar correram para o bloco E.

John apressou o passo, silenciosamente jurando que o Dr. Griffith se arrependerá muito pelo que fez, caso o achem.

# CAPÍTULO 7

O bloco E não era diferente dos outros quatro. Calmo, abafado e mau cheiroso.

Eles iam ligando as luzes assim que corriam pelos corredores, procurando a sala que continha a parte final do segredo de Ammon.

Não demorou muito; quase metade da estrutura era composta por uma área de treinamento de tiro, onde David encontrou caixas de munição de M-16 – mas nenhuma arma. John perguntou sobre voltar e pegar as armas dos Trisquads, mas Rebecca negou imediatamente. As metralhadoras estavam quentes, provavelmente impregnadas pelo vírus.

Como o sangue de Karen agora. Rios de vírus reproduzidos saindo das células, em busca de novas para usar e destruir...

"Aqui!". Steve disse do final do corredor. Rebecca foi em sua direção, Karen e John não muito atrás. David já estava junto a Steve na porta. Os triângulos vermelho, verde e azul – um sinal de que eles acharam a sala certa.

Steve abriu a porta e eles entraram. Rebecca continuou observando Karen em busca de sinais que mostrassem o progresso do vírus – e queria saber o que fazer com a informação sobre o tempo de amplificação. Ela não tinha dúvidas de que Karen foi exposta, e sabia que os outros não – mas o que ela devia dizer?

*Eu digo a ela que isso pode levar horas? Falo com David? Se existe uma cura, ela deve usá-la antes que o dano seja grande demais. Antes de fritar o cérebro, antes que ela deixe de ser Karen Driver e se torne... outra coisa.*

Rebecca não sabia como lidar com isso. Eles já estavam fazendo o que podiam o mais rápido possível. E ela não sabia o suficiente sobre o T-virus para assumir qualquer responsabilidade. Ela também não queria ver Karen mais assustada do que já estava. A mulher estava fazendo de tudo para se controlar, mas era obvio que estava à beira de um colapso; dos olhos vermelho-sangue até o tremor em suas mãos. Os Trisquads foram com certeza infectados com uma quantidade muito maior do que Karen; talvez ela tenha dias...

*... primeiros sintomas em menos de uma hora? Não seja criança. Você tem que contar, que alertá-la e aos outros sobre o que pode acontecer. Breve.*

Tirando os pensamentos da cabeça ela olhou em volta da sala a qual entraram. Era menor que as outras salas de teste, e mais vazia. Havia uma comprida mesa no fundo com umas seis cadeiras atrás dela. Na parte da frente da sala estava uma pequena prateleira; alguns pés de comprimento e um de profundidade. Nela tinham três botões grandes na superfície lisa; vermelho, verde e azul. A parede por trás da prateleira era recoberta por lisos e grandes ladrilhos cinza, feitos de algum plástico industrial.

"É isso". Steve disse. "Azul para acessar".

Com um segundo de hesitação, David andou para a estante e apertou o botão – e a fria voz de uma mulher soou de um alto-falante escondido acima, assustando-os. Era uma gravação. O suave tom fez Rebecca se lembrar dos momentos finais na mansão de Spencer – o sistema de destruição.

"Série azul completa. Acessar recompensa".

Um dos ladrilhos da parede deslizou, revelando um escuro buraco no concreto. Enquanto David ia na direção do espaço escondido, Rebecca sentiu uma explosão de raiva e nojo pela Umbrela. Era desprezível.

Todos aqueles testes, todo aquele trabalho – forçados a enfrentar as vítimas do T-virus. Passe pela série vermelha, bom cão, aqui está o seu osso... e qual era a recompensa deles por isso? Um pedaço de carne?

Remédios para acalmar a fome? Talvez uma arma novinha em folha para treinar? Jesus, por acaso eles sabiam o que estavam fazendo?

David tirou um pequeno item do buraco, o que parecia ser um cartão de crédito com um pedaço de papel

grudado em um lado.

Eles se aproximaram de David que olhava com desapontamento. Era um cartão-chave (card key) do tipo que se usa para abrir portas eletrônicas. Era verde-claro e estava em branco, exceto pela fita magnética. As letras rabiscadas no pequeno papel só diziam:

LIGHTHOUSE-ACCESS 135-SOUTHWEST / EAST.

(farol-acesso 135-sudoeste / leste)

"A letra é igual a da mensagem de Ammon". Steve disse. "Talvez o laboratório fique no farol...".

"Só há um jeito de descobrir". John disse. "Vamos".

Ele parecia nervoso, o mesmo olhar de quando ficou sabendo que Karen havia contraído o vírus. Depois de ver o que ele fez com os Trisquads lá fora, Rebecca torceu para que o Dr. Griffith fosse encontrado. John iria rasgá-lo em pedaços.

David concordou, colocando o cartão no colete "Certo. Karen...?".

Ela concordou. Rebecca viu que sua pálida pele pegou um tom de cera. Mesmo enquanto olhava, Karen começou a coçar os braços distraídamente. "É, eu estou bem".

*Ela tem que saber. Ela merece saber.*

Rebecca sabia que não poderia demorar muito. Escolhendo as palavras cuidadosamente. Ciente do tempo limitado, ela virou para Karen e falou o mais calmo que podia.

"Olha, eu não sei o que fizeram com o T-virus aqui, mas há uma chance de que você comece a experimentar sintomas mais avançados num curto período de tempo. É importante que você me diga, dizer para todos nós

como você está, física e psicologicamente. Qualquer mudança, nós devemos saber, tá bom?".

Karen sorriu fraco, ainda coçando os braços.

"Eu estou assustada e começando a me coçar por toda parte...".

Ela olhou para David, depois para Steve e John antes de voltar para Rebecca. "Se-se eu começar a agir...

irracionalmente, você vai fazer alguma coisa, não vai? Você não me deixará – machucar

alguém?".

"Nós vamos encontrar a cura antes de chegar nesse ponto". Rebecca disse esperando não estar dizendo uma mentira.

"Vamos". David disse.

Eles foram.

A área do laboratório estava numa gentil inclinação, se erguendo para o norte. Mas assim que eles deixaram o bloco E e foram para a negra estrutura que se elevava sobre a angra, a inclinação se tornou mais excessiva. O

solo rochoso angulou bastante, talvez uns trinta graus, tornando a caminhada em uma escalada. David ignorou a tensão em suas costas e pernas; ele estava muito preocupado com Karen e muito ocupado pensando na própria incompetência, para se encomodar com o desconforto físico.

Elas estavam perto da água, o mais perto desde que saíram dela. A suave brisa da noite seria prazerosa se fosse numa outra noite e em outro lugar.

Na frente deles o chão fez uma curva para o leste. A angra era calma, mas o som das ondas batendo na costa aumentou assim que eles se aproximavam. John assumiu a dianteira, depois Karen e os dois jovens logo atrás.

David ficou atrás, dividindo sua atenção entre o complexo à esquerda e atrás, e as estruturas à frente.

Diretamente atrás do farol estava o que deveria ser o dormitório; um longo e achatado prédio com quase o dobro do tamanho dos blocos que deixaram para trás.

Eles não tinham passado pelos quartos dos funcionários da Umbrela até agora, e esse se parece com o abrigo – projetado para dormir e comer, sem pensar no aspecto estético. Eles deveriam vasculhá-lo, mas David não queria perder tempo na busca pelo laboratório.

Esse pensamento trouxe outra onda de culpa e angústia que ele tentou bloquear sem sucesso. Ele precisava ser efetivo para levá-los ao laboratório o mais rápido possível, sem se deparar nas suas dúvidas e emoções – mas tudo o que continuava pensando, continuava desejando era ter sido infectado.

*Mas você não está.* Uma parte dele disse. *Karen foi e desejar é inútil. Isso não vai curá-la e irá nublar sua habilidade de comandar.*

David ignorou a pequena voz, pensando no quanto sério ele os pressionou. Quem ele era para liderar uma batalha contra a Umbrela, para limpar o S.T.A.R.S. e trazer honra para o trabalho? Ele nem mesmo conseguia manter sua equipe a salvo, não conseguia combater os demônios da culpa que enfureciam dentro dele.

Eles se aproximaram do dormitório sem vida, John diminuindo para deixar que os outros o alcancem. David viu que seu time estava cansado, mas pelo menos Karen não parecia pior. Na gentil luz da lua, ela parecia pálida e frágil. O branco da morte que ela tinha sob as fluorescentes se transformou num suave tom de porcelana. Se ele não soubesse...

*Mas você sabe. Quanto tempo, antes daquela pele leitosa começar a descascar? Quanto tempo antes de ela não poder ser confiada com uma arma, antes de você ter que reprimi-la de* – Pare!

Ele deixou o time respirar, virando para dar uma melhor olhada no farol à menos de vinte metros dali – e sentiu seu estômago apertar, seu coração tremer por uma razão inexplicável era um velho farol, uma alta, cilíndrica e indatável estrutura. Olhando para ele, vivenciou o sentimento que teve anteriormente; de morte eminente, de opções acabando.

"Vamos". John disse rapidamente, mas David o parou agarrando seu braço, balançando a cabeça bem devagar.

*Não é seguro*. Aquela voz de novo, familiar mas ainda estranha.

Ele olhou para a torre, sentindo-se perdido, sentindo-se incerto e fora do controle. Eles estavam esperando. Não era seguro mas eles tinham que entrar, eles não podiam ficar lá parados – e algo o acertou, uma clara visão do que estava errado na sua mente. O que estava errado mesmo. Não era sua competência, não era a sua habilidade de pensar, planejar ou lutar. Era algo muito pior, algo que ele poderia ter percebido antes se não tivesse se deixado amarrar pela culpa.

*Eu parei de confiar nos meus instintos. Sem a segurança do S.T.A.R.S. por trás de mim, eu esqueci de ouvir aquela voz – tão assustado de cometer um erro que eu perdi a minha habilidade de ouvir, de saber o que fazer.*

Toda vez que o medo me pegava, eu o ignorava – fazendo-o mais forte.

Pensando nisso, aquela voz ganhou um poder que ele quase esqueceu que tinha.

*Não é seguro, então abra a porta rápido, dois abaixados, o resto alto e cobrindo o lado de fora* – Tudo isso passou pela sua mente em segundos. Ele olhou para o time, que o olhava, esperando ouvir algo. E pela primeira vez, no que parecia uma eternidade, ele sabia que podia.

"Eu acho que é uma armadilha". Disse David. "John, você e eu vamos, eu fico a oeste – Rebecca, eu quero que você e Steve fiquem um de cada lado da porta e atirem em qualquer coisa de pé. Desculpa Karen, você ficará fora dessa".

Eles concordaram e foram para as profundas sombras que circundavam a sinistra torre. David na frente, finalmente achando que fazia algo de útil.

Karen recuou assim que eles se posicionavam, apoiando-se na parede do imenso prédio atrás do farol, para olhar.

Ela se sentiu sufocada por causa da escalada, sufocada e estranha. Havia um zumbido no seu cérebro que não ia embora, não deixava ela se concentrar...

*...ficando enjoada. Ficando enjoada, rápido.*

Isso a assustou, mas de algum modo não estava tão mau quanto tem sido. De fato não era tão assustador. O terror inicial se foi, deixando apenas a memória de um sonho ruim. A coceira estava distraindo, mas já não era exatamente uma coceira. Pareciam milhões de picadas de insetos na sua pele. Era a única coisa que ela pensou para descrever a sensação. Era como se a pele dela tivesse ganhado vida e estava se coçando. Era estranho, mas não exatamente desagradável.

"Agora!".

Ao som da voz de David, Karen reparou na súbita ação à sua frente O zumbido em sua cabeça fazia tudo parecer estranho, com velocidade maior. A porta do farol sendo arrombada, David e John pulando na escuridão, balas estourando e brilhando. O alto som de uma M-16 lá dentro. Steve e Rebecca, recuando e atirando lá dentro repetidas vezes.

A ação, que acontecia em ritmo acelerado fez Karen imaginar como aquilo podia ser – então viu David e John saírem de lá, percebendo estar feliz em vê-los. Mesmo com os rostos distorcidos, seus corpos moviam-se muito rápido...

*... o que está acontecendo comigo...*

Karen balançou a cabeça mas o zumbido só parecia aumentar – e ela estava com medo novamente, com medo de os outros a deixarem para trás. E ela não teria ninguém para, para – acalmá-la. Isso é mau.

David estava na frente dela. "Karen, você está bem?".

Karen sentiu-se feliz e sabia que deveria dizer a verdade.

"Está piorando agora. Eu não penso direito, David. Não me deixe".

John e Rebecca, suas quentes, quentes mãos tocando-a, levando-a para a escura porta. Seu corpo funcionava mas a sua mente estava nublada pelo zumbido. Haviam coisas que ela queria dizer até entrar num lugar escuro e quente, que tinha um corpo estendido no chão segurando uma metralhadora. Seu rosto ela podia ver. Não era estranho; era branco e enrolado. Era um rosto que fazia sentido.

Tinha um teclado próximo a um buraco aberto, escadas descendo e o sorriso. "Um-três-cinco". Steve disse.

"Karen".

"Nós temos que nos apressar".

"Agüenta aí, nós estaremos lá em breve".

Karen deixou-os ajudá-la, imaginando porque suas faces pareciam tão estranhas. Imaginando por que eles cheiravam tão quente e bom.

Athens falhou.

Dr. Griffith olhou para a piscante luz branca sobre a porta, amaldiçoando Athens, Lyle Ammon e sua sorte. Ele não disse para Athens como retornar, o que significa que os intrusos o fizeram primeiro. Ammon deixou uma mensagem ou mandou uma a eles, não importava – tudo o que importava era que eles estavam vindo e que devem ter a chave. Ele destruiu os marcadores

semanas atrás, talvez eles tenham direções, talvez eles o achem e – *Sem pânico. Você está preparado para isso, siga para o próximo plano.* Divisão primeiro, duplicar efeito – menos poder de fogo, isca para depois... e a chance de ver como Alan se sai.

Griffith voltou-se para Dr. Kinneson e falou rapidamente, deixando as instruções claras e simples, e o caminho mais fácil possível. Griffith já havia pensado nas prováveis perguntas que eles provavelmente perguntarão, apesar de que eles poderiam querer saber mais. Ele deu várias frases aleatórias para Alan e depois pegou a semi-automática da gaveta da Dr. Chin. Olhou ele colocá-la debaixo do avental para ter certeza de que está escondida. O clip estava vazio mas só descobrirão até que o gatilho seja apertado.

Ele também deu sua chave; um risco, mas tudo era um risco. Com o destino do mundo em suas mãos ele fará o que for necessário.

Depois que Alan saiu, Griffith sentou na cadeira para esperar um bom tempo. Seu olhar voltado para os seis canastréis de inox. Se Alan for pego, ainda restam os Ma7, o Louis, as seringas, seu esconderijo e os controles da câmara de ar em fácil alcance.

Depois de tudo isso, ainda tem o nascer o sol, esperando. Dr. Griffith sorriu sonhadoramente.

Karen ainda podia andar, ainda parecia entender pelo menos uma parte do que eles diziam para ela, sendo que as poucas palavras não pareciam estar relacionadas com nada.

Assim que eles desciam as escadas do farol, ela disse "quente" duas vezes. Quando eles pisaram no longo e úmido túnel, ela disse "eu não quero", uma expressão de medo na pálida face dela. Rebecca estava aterrorizada com o fato de ser tarde demais caso achem uma cura.

Tudo aconteceu tão rápido que ela mau compreendia. Havia um homem esperando por eles no farol, uma armadilha, como David tinha previsto. Ao entrarem, a pessoa abriu fogo contra a porta debaixo de uma escada de metal. Graças ao plano de David tudo terminou em segundos. Steve achou a porta de acesso e digitou o código. Rebecca e John iluminaram o agressor e perceberam que ele foi infectado. A pele cor de papel dele estava descascada e enrugada, com estranhas linhas entalhadas. Ele era diferente de um Trisquad; menor decomposição, olhos mais humanos... depois David foi buscar Karen e o interesse de Rebecca foi desviado.

Foi na subida do declive que ela decidiu. Mesmo que isso não faça diferença, ela não

conseguia imaginar o que mais pode ter feito o vírus se amplificar tão rápido. O T-virus pode ter respondido às mudanças fisiológicas dos batimentos acelerados do coração e da circulação de Karen. Mas assim que eles levaram a fraca e confusa mulher para o farol, Rebecca percebeu que havia parado de se preocupar sobre como; tudo o que ela queria era ir para o laboratório, tentar e libertar o que sobrou da sanidade de Karen Driver.

O túnel embaixo do farol parecia voltar na direção do complexo numa curva, e era esculpido na própria pedra calcária dos rochedos. As luzes eram fixadas ao longo das paredes formando estranhas sombras enquanto andavam.

John e Steve seguravam Karen entre eles. Rebecca estava por último, sentindo uma horrível sensação de déjà vu que a fazia lembrar dos túneis subterrâneos da mansão de Spencer. O mesmo frio úmido emanava das pedras, dando terríveis sensações de estar indo em direção ao perigo. Exausta e com medo de não ser capaz de prever um desastre.

O desastre já aconteceu, ela pensou observando Karen se esforçar para continuar andando. *Nós a estamos perdendo. Em uma hora ou menos ela estará muito longe de voltar.*

Sendo assim, John e Steve não deviam estar tocando nela. Ela podia pegar algum deles, mordendo antes de poderem fazer algo.

O túnel virou à esquerda e Rebecca percebeu que eles deviam estar muito perto do mar; as paredes pareciam tremer com as ondas e cheiravam peixe. Partes do chão eram lisas sugerindo a participação de mãos humanas.

Ela imaginava se o túnel se daria em algum lugar – "Droga". David disse nervoso. "Merda".

Rebecca ergueu a cabeça e ao ver o que tinha à frente, sentiu sua última esperança por Karen ir por água abaixo.

*Nunca encontraremos o laboratório a tempo.*

O túnel dava em algum lugar, a algumas centenas de metros de onde David parou. Ele era conectado por mais cinco túneis menores, todos em diferentes direções.

"Qual deles é sudoeste?". John perguntou. Karen inclinou-se contra ele e sua cabeça tombou para a frente.

"Eu não sei, eu achava que já estávamos indo para sudoeste. Eles não estão alinhados diretamente, e nenhum vai diretamente para leste".

Eles forma para os túneis, cujas luzes desapareciam a cada curva. Eles foram obviamente esculpidos pela água e eram conectados às cavernas marítimas que David mencionou. Os túneis não eram tão grandes quanto o que estavam mas eram suficientes para um humano passar confortavelmente; uns três metros de altura. Não havia como dizer qual deles ia para o laboratório.

*Ou se algum deles realmente vai para o laboratório, nós nem sabemos se ele está aqui embaixo.*

"Se nenhum deles vai para leste, nós devemos escolher o que mais parece ir a sudoeste". Steve disse. "Até porque, leste daqui é água".

Karen murmurou algo ilegível, fazendo Rebecca se aproximar para ver como ela estava. Apesar de John e Steve ainda a estarem segurando, ela não parecia ter problemas para ficar de pé.

Rebecca tocou sua testa molhada e os olhos de Karen fixaram nela, opacos e vermelhos com as pupilas dilatadas.

"Karen piscou devagar. "Com sede". Ela disse. Sua voz borbulhando e soando liquidamente.

*Ainda responde, graças à Deus...*

Rebecca tocou a garganta dela levemente, sentindo o rápido e fino pulso com os dedos. Estava mais rápido do que antes, no farol. O que quer que o vírus esteja fazendo com ela, não resta muito tempo até o corpo de Karen desistir.

Rebecca se virou, desesperada e nervosa, querendo gritar para alguém fazer algo – mas ouviu passos vindo de um dos túneis. Ela agarrou sua Beretta, Viu John e David fazerem o mesmo enquanto Steve segurava Karen.

*Qual deles, de onde vem? Griffith? É ele?*

O som parecia vir de todos eles – e então Rebecca o viu, surgindo do canto na segunda passagem à direita. Uma figura tombante de avental sujo – e ele os viu.

Mesmo a uns quinze metros, Rebecca pode ver seu histérico rosto. O homem correu para eles com seu curto cabelo castanho e desarrumado, seus brilhantes olhos e lábios balançando. Ele não estava segurando qualquer arma, apesar de Rebecca manter a sua erguida.

"Oh, graças à Deus, graças à Deus! Vocês tem que me ajudar! Dr. Thurman, ele ficou louco, nós temos que dar o fora daqui!".

Ele saiu do túnel e se aproximou de David, aparentemente esquecendo da arma apontada na sua direção.

"Nós temos que ir, tem um barco que nós podemos usar, nós temos que sair antes que ele mate todos nós".

David olhou em volta e viu que Rebecca e John o estavam cobrindo. Ele guardou a arma e agarrou o braço do homem.

"Calma, calma. Quem é você, você trabalha aqui?".

"Alan Kinneson". O homem respondeu. "Thurman me deixou trancado no laboratório mas ouviu vocês chegarem e eu fugi. Mas ele é louco. Vocês tem que me ajudar a chegar no barco! Tem um rádio, nós podemos pedir ajuda!".

*O laboratório!*

"Para onde fica o laboratório?". David perguntou rapidamente.

Kinneson pareceu não ter escutado.

"O rádio está no barco, nós podemos chamar ajuda e depois fugir!".

"O laboratório". David repetiu. "Me escuta – você veio de lá?".

Kinneson virou-se e apontou para o túnel que estava próximo ao que ele veio, o do meio.

"O laboratório é para lá –".

Depois ele apontou para o túnel a qual veio. "– e o barco é para lá. Essas cavernas são como um labirinto".

Apesar de ele ter se acalmado ao olhar para os túneis, ele ficou tão histérico quanto antes ao voltar-se para as pessoas à sua frente. Ele devia ter trinta e poucos anos, mas David reparou

que ele tinha profundas linhas nos cantos dos olhos e boca. Devia ser bem mais velho.

Quem ele era e quantos anos tinha não importava, ele estava em pânico.

"O rádio está no barco, nós podemos chamar ajuda e depois fugir!".

Os pensamentos de David corriam juntos aos seus batimentos cardíacos. Era isso, era a chance deles – *nós vamos para o laboratório, fazemos esse Thurman dar a cura e depois saímos daqui antes que alguém se machuque* – Ele viu a mesma esperança nos outros, John e Steve balançavam a cabeça positivamente. Rebecca não parecia empolgada. Ela chamou David com a cabeça para que saísse do campo auditivo de Kinneson.

"Dê-nos licença por um momento". David disse, forçando a educação que ele não sentia. Kinneson era um dos cientistas da lista de Trent.

"Nós temos que nos apressar!". O homem disse, ficando parado enquanto David ia de encontro aos outros.

Os quatro se juntaram para conversar. Karen descansava nos braços de Steve.

A voz de Rebecca soava preocupação. "David, não podemos levar Karen para o laboratório se Griffith – se Thurman estiver lá; e se nós tivermos que lutar?".

John concordou dando uma olhada no cientista. "E eu não acho que devemos deixar esse cara sozinho, ele parece querer ir embora sem a gente".

David pensou. Steve atirava melhor mas John era mais forte. Se eles tiverem que fazer Thurman dar a cura do T-virus, John poderá intimidá-lo mais facilmente.

"Nós vamos nos dividir. Steve, leve a Karen para o barco e fique de olho no Kinneson. Nós iremos para o laboratório pegar o que precisamos e encontrá-los lá. De acordo?".

Todos de acordo, e David virou para Kinneson.

"Nós precisamos ir para o laboratório mas a nossa amiga Karen não esta bem. Nós gostaríamos que você levasse ela e a escolta para o barco e esperasse por nós".

"Nós temos que nos apressar". Kinneson disse, indo logo depois para a passagem a qual

veio, num rápido passo.

Seu avental sujo balançando e suas passadas rápidas fizeram David se sentir preocupado.

*Ele nem perguntou quem nós éramos...*

Assim que Steve e Karen começaram a entrar no túnel, David tocou o braço de Steve e disse. "Olhe ele cuidadosamente, Steve". Nós estaremos lá o mais breve possível".

Steve concordou e andou depois do estranho Dr. Kinneson, com Karen ao seu lado.

John e Rebecca já estavam na frente da passagem do meio com as armas na mão.

Sem falar os três entraram no sombrio túnel numa cansada mas determinada corrida, preparados para encarar o monstro humano por trás de tantas tragédias em Caliban Cove.

# Capítulo 8

Eles viraram a primeira esquina, Karen segurando o ombro dele com sua fria e suada mão – e o cientista estava uma curva mais adiante, uns bons cem metros de distância.

Steve viu seu avental branco que depois desapareceu, passos se distanciando.

*Ótimo. Perdido numa maldita caverna labirinto porque o Dr. Estranho tem tarefas para cumprir.*

Karen soltou um baixo som de agonia fazendo Steve sentir o frio nó em seu estômago apertar. Seu medo de ficar perdido não é nada se comparado ao que sentia por Karen. Ela se pendurava cada vez mais nele, os pés dela arrastavam no chão.

*David, John, Rebecca, por favor rápido, não deixem Karen piorar.*

Ele a colocou mais perto com pressa em alcançar Kinneson. Exceto por conhecer Rebecca, esse foi o pior dia da vida dele. Ele tem estado no S.T.A.R.S. por um ano e meio, e já esteve em situações perigosas. Elas nem chegam perto do que ele tem passado nas poucas horas desde que foi atirado do barco.

*Monstros do mar, zumbis com armas e agora Karen, perdendo a consciência, podendo virar uma daquelas coisas. Estamos tão perto de sair daqui e ainda pode ser tarde demais...*

Ao alcançar a curva no túnel, Steve não podia mais ouvir os passos de Kinneson. Ele apareceu na esquina, achando que deveria pedir para o doutor esperar, para não ir muito longe – e parou frio. Kinneson estava parado a dois metros, segurando uma .25 semi-automática. Ele se aproximou e pressionou fortemente o cano da arma no estômago de Steve, tirou sua Beretta do coldre e depois recuou. O doutor andou para um lado, agora segurando ambas as armas e acenou para Steve ficar à sua frente.

"Você virá para o laboratório,". Kinneson disse. "ou eu te mato".

"Nós sabemos o que você fez aqui". Steve falou. "Nós sabemos tudo sobre os malditos Trisquads, nós sabemos sobre o T-virus, e se você quiser sair daqui sem –

"Você virá para o laboratório ou eu te mato".

*Oh meu Deus.*

"Você virá para o laboratório ou eu te mato". Ele repetiu e ergueu as armas – a centímetros da cabeça abaixada de Karen.

Steve sabia que ela estava morrendo, que ela tinha uma boa chance de perder para o vírus e se tornar uma violenta e insana criatura.

Mas eu tenho que protegê-la. Se eu matá-la para me salvar ou se não houver uma chance de curá-la...

*Steve não iria, não podia fazer isso. Mesmo se significasse a própria vida.*

Segurando Karen, ele deu um passo à frente do doutor e começou a andar.

Tempo suficiente se passou. Se os intrusos tivessem feito o que deveriam fazer, eles teriam se separado, uns indo para o lugar errado, outros acompanhando o bom doutor de volta para o laboratório. Se Alan falhar, ele ao menos deixou os intrusos encurralados. De qualquer jeito, era uma questão de tempo.

Griffith digitou no painel de controle da jaula dos Ma7s, pensando em como seria divertido ver os olhares nos rostos deles. A luz vermelha mudou para verde, significando que o portão estava completamente aberto.

Sem problema, ele supôs. Desde que eles morram.

O curvo túnel parecia não terminar. Toda vez que faziam uma curva, Rebecca esperava ver uma porta fechada, com um aparelho ao lado, para o cartão que David tinha. Enquanto as luzes penduradas iam para outro trecho do túnel cada vez mais vazio e monótono, ela parou de querer ver a porta.

Um sinal bastava, uma seta pintada na parede, um rabisco escrito – qualquer coisa que fizesse o suspense deles acabar.

*Enganados por um cientista da Umbrela?*

Kinneson era estranho, estava definitivamente aterrorizado, no ponto de histeria. Será que ele se confundiu por causa do pânico e mostrou a passagem errada? Ou o laboratório estava mais bem escondido do que eles pensavam?

*Ou ele nos mandou para uma armadilha, uma caverna sem saída – algo perigoso que nos mantenha ocupados enquanto ele...*

Enquanto ele fazia algo para Steve e Karen. O pensamento a deixou mais assustada do que pensar em estar indo para uma armadilha. Karen estava doente, ela não conseguiria se defender, e Steve – *Não, Steve está bem. Ele pode pegar Kinneson num piscar de olhos.*

Exceto que Karen esteja com ele.

O ritmo da corrida diminuiu. David e John respiravam fortemente com expressões de exaustão em seus rostos.

David ergueu a mão, parando-os.

"Eu não acho que esse é o caminho". Ele disse. "Nós já devíamos ter visto algo. E o pedaço de papel dizia sudoeste, leste – eu não tenho certeza, mas eu acho que depois da última curva nós já estamos indo para oeste".

"Eu não sei para onde nós estamos indo, mas eu sei que Kinneson falou besteira. O cara trabalha para a Umbrela. Por Deus". John disse.

"Eu concordo". Rebecca disse. "Eu acho que devemos voltar. Nós temos que ir para o laboratório, rápido. Eu acho –".

*Clank!*

Eles congelaram, olhando um para o outro. De algum lugar do túnel adiante, algo metálico foi movido.

"O laboratório?". Rebecca disse esperançosa. Isso pode –".

Um baixo e estranho som a interrompeu. Não era nada que ela já tenha ouvido – um uivo de cachorro combinado com um estranho assobio e o choro de um bebê recém nascido. Era solitário, surgindo e calando através do túnel, finalmente transformado-se em um triste grito – depois se juntou a outros.

"Corram". David disse, mirando sua arma na vazia passagem à frente. Esperou os dois se virarem para depois seguí-los.

Rebecca sentiu uma incrível dose de adrenalina passar pelo seu corpo que a mandava

correr pelo túnel para fugir dos sons. John estava à sua frente, podendo ouvir os passos de David logo atrás.

Os uivos ficaram mais altos, e Rebecca pode sentir as pedras vibrarem sob os seus pés. Os pesados passos das coisas estavam se aproximando.

"Próxima curva". David gritou e assim que eles alcançaram o fim do trecho, onde o túnel virava, Rebecca olhou em volta erguendo sua arma e mirando-a para a última curva que fizeram. John e David fizeram o mesmo. Vinte metros de passagem vazia, preenchida com os ensurdecedores choros de seus perseguidores.

Assim que o primeiro pode ser visto, os três atiraram. Balas perfuraram a criatura que Rebecca achava se uma leoa – depois um lagarto gigante – depois um cachorro. Ela pegou um pequeno lance da impossível criatura. As pupilas de gato, a cabeça de cobra gigante, e a aberta boca cheia de baba e dentes afiados. O agachado e poderoso corpo cor de areia e grossas patas dianteiras avançando a incrível velocidade – assim que as balas iam de encontro à pele da criatura, apareceu outra logo atrás – e as balas acertaram o primeiro, derrubando-o de seus pés com garras, balançando para trás enquanto espirros de sangue manchavam a parede do túnel – e, balançando a cabeça, gritando ferozmente, a coisa se lançou para cima deles novamente.– *Oh merda* – Rebecca puxava o gatilho, quatro, cinco, seis vezes, sua mente gritando tão alto quanto os dois animais monstruosos que corriam. Oito, nove, dez – e o primeiro foi ao chão, mas ainda tinha o segundo e agora um terceiro, descendo o túnel, e na Beretta só cabiam quinze balas – *Nós vamos morrer* – David recuou, atrás da linha de fogo. Um clip vazio veio ao chão e então ele já estava mirando e atirando de novo.

Rebecca contou sua última bala e recuou, rezando para que ela pudesse fazer isso tão rápido quanto David – e viu que o terceiro animal estava recuando, seu peito forrado de vermelho. Ele caiu na possa de sangue que fez e ficou lá.

Nada no túnel se mexeu, mas devia ter outros dois vindo. Seus choros continuaram ecoando pelo túnel, mas estavam fora de visão – como se soubessem o que aconteceu ao seus irmãos.

"Vamos". David disse, ainda mirando para a curva. Eles deram a volta e começaram a ir, ouvindo os uivos das criaturas híbridas.

* * *

Griffith saiu rapidamente de perto da porta ao ouvir a chave na fechadura. Não queria estar muito perto do que Alan possa ter trazido. Ele já tinha Thurman preparado caso haja movimentos súbitos – mas quando ele viu o jovem homem e sua passiva colega entrarem no laboratório, Griffith duvidou que teria problemas.

*O que é isso? Algumas bebidas ou um ferimento?*

Griffith sorriu, esperando ele falar ou ela se mexer, seu coração cheio de bom humor. Fazia tanto tempo desde a última vez em que falou com alguém capaz de responder por si só. Atrás dele Alan fechou a porta e ficou parado, segurando as duas armas no estranho casal.

O jovem homem deu uma olhada no laboratório, seu escuro olhar fixado na ampla janela da câmara de ar. A

cabeça da mulher estava abaixada, rolando contra o seu peito.

Ele tinha o natural bronzeamento Hispânico, ou talvez de alguém da Índia. Não muito alto, mas robusto o bastante.

O olhar do rapaz finalmente alcançou Griffith, curioso e não tão assustado como Griffith queria.

Vamos cuidar disso...

"Aonde nós estamos?". O jovem perguntou.

"Você está num laboratório de pesquisa química há aproximadamente vinte metros abaixo da superfície de Caliban Cove". Griffith respondeu. "Interessante, não? Aqueles hábeis projetistas construíram um laboratório dentro de um labirinto – ou um labirinto em volta do laboratório. Eu esqueci de –".

"Você é o Thurman?".

*Tão delicados!*

Griffith sorriu de novo balançando a cabeça. "Não. O Dr. Thurman é esse gordo de pé ao seu lado. Eu sou Nicolas Griffith. E você deve ser...?".

Antes que o jovem pudesse falar, a mulher ergueu a cabeça, uma pálida face olhando em volta, paralisada pela fome.

*Uma infectada!*

"Thurman, pegue ela e a segure". Griffith disse rapidamente. Ele não queria danificar o bom espécime, Alan.

Assim que Thurman agarrou a mulher, o jovem homem resistiu, empurrando Louis.

Griffith sentiu um pulso de agonia. "Alan, bata nele!".

O Dr. Kinneson ergueu a mão e acertou a parte de trás de sua cabeça; ele parou de resistir o suficiente para Thurman tirar a mulher do seu poder.

"Ela se foi". Griffith disse, imaginando por que alguém na terra iria querer segurar uma infectada. "Olhe para ela, você não pode ver que ela não é mais humana? Ela é um dos bonecos de Birkin, um dos famintos pateticamente alterados. Um zumbi. A unidade de um Trisquad sem treinamento".

Enquanto Griffith falava, uma fascinante mudança de acontecimentos ocorreu. A mulher se contorceu em volta de Thurman – e com um rápido movimento, mordeu o rosto de Louis. Ela arrancou um grosso e ensangüentado pedaço de sua bochecha e começou a mastigar com entusiasmo.

"Karen, oh meu Deus, *não* –".

Por mais preocupado que ele parecia, o jovem não se mexeu para fazer alguma coisa. Nem Louis. O doutor permaneceu calmo, com sangue escorrendo pelo rosto.

"Olhe para isso". Griffith disse. "Nem uma careta, dor ou emoção... sorria, Louis!".

Thurman sorriu mesmo enquanto a mulher ia para cima dele de novo, tentando morder seu proeminente lábio inferior. Com um molhado e rasgante som, o lábio foi arrancado, expondo um sorriso ainda maior. Sangue jorrou.

A mulher mastigou.

*Incrível. Absolutamente de tirar o fôlego.*

O jovem rapaz estava tremendo. Ele não parecia estar gostando do que via, e Griffith percebeu que ele não irá; ela deve ter sido uma amiga.

"Alan, pegue o nosso rapaz e segure-o bem forte".

Ele não resistiu, traumatizado com o que via. A mulher pegou outro pedaço da bochecha e Louis sorriu deficientemente, provavelmente por causa de um trauma muscular.

Mesmo querendo continuar olhando, Griffith tinha algo para ser feito. Os amigos do rapaz podem ter derrubado os Ma7s.

Griffith andou para a estante e pegou uma seringa milimetrada, tocando um dos lados com o dedo. Ele virou para a quieta visita, pensando se deveria contar o seu plano para pegar os outros invasores. Não é isso que os "vilões" fazem nos filmes? Ele considerou isso por um momento, depois decidiu; ele sempre viu isso como uma bobagem.

Ele está longe de ser um vilão. Eles é que invadiram seu território, ameaçando seus planos de criar a paz mundial.

Não havia dúvidas sobre quem eram os mau feitores nessa história.

O jovem ainda assistia à bizarra cena; Karen engolia o nariz de Thurman.

Andando rapidamente, Griffith inseriu a agulha no braço do jovem e apertou o êmbolo.

Só depois ele reagiu, seu olhar chocado voltando-se para Griffith, se debatendo e contorcendo. Os braços de Alan pareciam flexíveis, mas conseguiam conter o Hispânico.

Griffith sorriu. "Relaxa". Disse. "Em pouco tempo você não sentirá mais nada".

Devagar, devagar demais, eles voltavam na direção da câmara, com as criaturas seguindo cuidadosamente para não serem vistas, cantando terríveis músicas. John sentia os minutos passarem, minutos que já podem ter custado a vida de Karen, minutos a qual Steve pode estar lutando para sobreviver – *Venham, seus merdas! Nós estamos bem aqui, comida de graça! Venham!*

Eles tentaram gritar, tentaram atirar e sapatear, e as criaturas não morderam a isca. David tentou enganá-los se escondendo na esquina do túnel – e quando os lagartos gigantes

apareceram, os três pularam e começaram a atirar. John acertou um deles, dando para perceber que eram só dois – mas ambos se protegeram antes que algum dano sério pudesse acontecer.

"Traiçoeiros desgraçados". John reclamou pela vigésima vez. "O que eles estão esperando?".

Nem Rebecca nem David responderam. As criaturas estavam esperando eles andarem.

Depois de uma eternidade, eles ouviram o familiar som da cavernosa câmara a qual deixaram; as ondas abafadas e as fortes vibrações do mar.

*Graças a Deus, graças a Deus.*

"Quando chegarmos na abertura, cubram o túnel,". David disse. "eu vou correr, atirem neles –".

"Você atira melhor do que eu, eu corro mais rápido. Eu deveria fazer isso".

Eles estavam chegando lá. John olhou para David e o viu fazendo sua decisão – e decidiu.

"Certo, corra o mais rápido que puder para as escadas do farol. Nós cuidaremos deles".

"Entendido. É só dizer quando". Rebecca disse.

Outro passo e eles foram circundados pelo espaço aberto.

John rapidamente ficou entre o túnel a qual vieram e outro ao lado. Ele viu David se posicionar, Rebecca de pé na boca da passagem – "Vai!".

Ela virou e correu a toda velocidade e John se preparou, ouvindo a aproximação dos ruídos.

"Agora!". David gritou, e ambos pularam na passagem atirando.

*Crack-crack-crack-crack!*

Os monstros estavam a menos de seis metros e a pesada munição os atingiu, ótimo, buracos ensangüentados aparecendo em sua elástica pele, sangue espirrando violentamente.

Os uivos desapareceram sob os tiros antes das coisas répteis chegarem perto da abertura. E os dois estranhos corpos caíram no irregular chão.

Assim que pararam de atirar, Rebecca voltou para a câmara, seus olhos expressando urgência.

"Vamos". David disse, e então os três entraram no túnel a qual Kinneson desapareceu.

John finalmente deixou o medo entrar.

*Karen, esteja bem. Por favor, não deixe nada acontecer a ela, Lopez* – O túnel dobrava angulosamente para baixo, e os três viraram com ele. John jurou a si mesmo que se eles estiverem bem, se ainda restava tempo para Karen, se eles pudessem sair de lá vivos, ele daria qualquer coisa.

*O meu carro, a minha casa, o meu dinheiro, eu não vou transar com mais ninguém até casar...*

Não era suficiente – mas ele sacrificaria qualquer coisa, a qualquer custo.

O túnel virava novamente, ainda descendo. Eles fizeram a curva – e viram um grupo de portas, uma pequena passagem entre a interna e a externa, uma gigante e iluminada sala atrás. Steve estava encostado na moldura da porta segurando a sua Beretta, sua face pálida e vazia.

"Steve! O que aconteceu, o que –". David disse, mas o olhar no rosto de Steve ao vê-los se aproximarem, estava terrivelmente vazio, fazendo-os pararem de andar. Enquanto sua mente tentava negar isso, o coração de John se encheu com um horrível sentimento de perda.

"Karen está morta". Steve disse suavemente, depois virou-se e entrou na sala.

*Oh, não...*

Rebecca sentiu um profundo sentimento de tristeza ao olhar para Steve. John e David sentiram o mesmo, quietos ao lado. O vazio rosto de Steve lhes disse o que deve ter acontecido.

*Pobre Karen. E Steve, como isso deve ter sido...*

Eles acharam o laboratório tarde demais. Ela olhou para o leitor de cartão próximo à porta enquanto entrava na barreira dupla, sentindo um horrível senso de futilidade no porque disso. Eles vieram em busca de informações, mas resolveram testes, Karen se infectou – e agora Steve.

*... mas Kinneson. Thurman* – Ela passou pela segunda porta, impressionada. O laboratório era imenso, estantes cheias de equipamentos, mesas com altas pilhas de papel – mas foi a porta

do outro lado que chamou sua atenção, para o grosso vidro reforçado na porta.

Era uma câmara de ar, a porta de dentro aberta. E atrás da segunda porta fechada, a escura água do oceano fluía, bolas subindo. O laboratório estava debaixo d'água.

A segunda coisa que ela percebeu foi o sangue, um abundante rastro vermelho cruzando o chão de concreto em respingos e poças – terminando num borrão arrastado. Steve deve ter movido um corpo.

*Deus, não o da Karen...*

Steve andou para a câmara de ar e virou-se, parecendo estar esperando por eles cruzarem a sala. Rebecca foi em sua direção. John e David vinham atrás dela, quietos, olhando a vasta sala – quando atrás deles, a porta fechou.

Eles viraram e viram Kinneson, segurando uma semi-automática, uma 25, apontando para eles sem expressões no rosto.

"Larguem suas armas".

A baixa e calma voz era de Steve.

Rebecca olhou para ele, que apontava sua arma para eles, sua face tão vazia quanto a de Kinneson. Agora perto da câmara de ar, ela viu o corpo no chão. Era a Karen, sua branca face estava suja de sangue, um buraco escuro onde seu olho esquerdo deveria estar.

*Oh, meu Deus, o que está acontecendo* – David andou na sua direção, segurando sua arma normalmente, confusão e descrença em sua voz. "Steve, o que você está fazendo? O que aconteceu?".

"Larguem suas armas". Steve repetiu. Sua voz não tinha emoção.

John não se segurou e gritou. "O que você fez com ele?!". Ele se virou e atirou em Kinneson.

A bala perfurou violentamente sua têmpora *(Nota 10)* esquerda. Kinneson foi ao chão – *BOOM!*

O segundo tiro veio da Beretta de Steve, acertando a parte debaixo das costas de John. Sangue jorrou pelo buraco enquanto ele se virava, assustado. Rebecca viu o escuro fluido

escorrendo de sua boca, confusão em seus olhos – e John caiu no chão de cimento, não se mexendo mais. Tudo aconteceu em segundos.

"Larguem as armas". Steve disse calmamente, apontando sua semi para Rebecca.

Por um momento, Rebecca não pôde fazer nada. Ela olhou para Steve com horror, incapaz de entender o que aconteceu.

"Desarmar". David disse, soltando sua arma no chão.

Rebecca fez o mesmo.

"Recuem". Steve disse, ainda apontando sua arma para ela.

"Faça o que ele diz". David disse.

Eles recuaram devagar, Rebecca sem tirar os olhos do rosto de Steve, que agora é só uma máscara usada por um...

*... por um zumbi.*

Eles pararam perto de uma mesa, olhando Steve recolher suas armas. A mente de Rebecca girando com mais do que terror e perda. Um zumbi que podia falar e andar como um homem. Como Kinneson. Como Steve.

*Como? Quando isso aconteceu?*

Assim que Steve retornou, uma prazerosa voz masculina surgiu do canto da sala, de trás de uma mesa.

"Tudo acabado, então? Meu Deus, que tragédia Grega...".

A voz foi seguida por uma aparição. Um magro homem de cabelo acinzentado se levantou e contornou a mesa, movendo-se para ficar ao lado de Steve. Ele devia ter cinqüenta e poucos anos, seu cabelo longo o bastante para tocar o colar de seu avental, sua face exibindo um radiante sorriso.

"Eu vou repetir minhas instruções em benefício dos nossos convidados". O homem disse felizmente. "Se algum deles fizer movimentos bruscos, atire".

Rebecca sabia quem ele era, sabia que não estava errada.

"Dr. Griffith". Ela disse serenamente.

Griffith levantou uma sobrancelha, parecendo entretido. "A minha reputação me precede! Como você sabe?".

"Eu já ouvi sobre você,". Ela disse. "ou Nicolas Dunne, que seja".

Seu sorriso ficou mais aberto. "Tudo no passado,". Ele disse, balançando a mão no ar. "e você nunca terá a chance de contar isso para alguém, eu estou com medo".

Seu sorriso murchou, começando a falar friamente. "Vocês me atrasaram o bastante. Eu estou cansado desse jogo, e acredito que seu bom e jovem homem vai matá-los...".

Ele se iluminou de repente, e Rebecca viu a maldade em seus olhos, a completa loucura.

"Agora que eu penso nisso, porque mais bagunça? Steve, diga aos seus amigos para entrarem na câmara de ar, por gentileza".

Steve manteve sua arma apontada para o coração dela. "Entrem na câmara de ar". Ele disse calmamente.

Antes que David pudesse dar um passo. Rebecca começou a falar rapidamente.

"Foi o T-virus? Você o usou como uma plataforma para o que quer que seja? Eu sei que você foi o responsável pelo aumento do tempo de amplificação, mas isso é algo novo, é algo que a Umbrela nem sabe, é um mutagene com uma fusão de membrana instantânea, não é?".

Griffith arregalou os olhos. "Steve, espere... o que você sabe sobre fusão de membrana, garotinha?".

"Eu sei que você a aperfeiçoou. Eu sei que você criou uma rápida fusão de vírus que aparentemente infecta o tecido cerebral em menos de uma hora –".

"Em menos de dez minutos". Griffith disse, seu comportamento sorridente mudando para o de um fanático, seus lábios sendo apertados pelos dentes. "Esses animais burros e seus ridículos T-virus! Birkin pode ter consciência, mas o resto deles são tolos, brincando com seus jogos de guerra enquanto eu criava um milagre!".

Ele se virou, apontando para a fila de brilhantes tanques de oxigênio próximos à porta de entrada. "Vocês sabem o que é aquilo, vocês sabem o que eu sintetizei? Paz! Paz e liberdade

para toda a espécie humana!".

David sentiu seu coração bater mais forte, seu corpo suando frio. Griffith estava passando na frente deles agora.

"Tem o suficiente da minha criação naqueles tanques para infectar bilhões de pessoas em menos de vinte e quatro horas! Eu encontrei a resposta, a resposta para as patéticas e egoístas pessoas em que os humanos se tornaram – quando eu der o meu presente para o vento, o mundo se tornará livre de novo, ele será renascido, um simples e bonito lugar para toda criatura, grande ou pequena, sobreviver pelos seus instintos!".

"Você está louco". David disse, mesmo sabendo que Griffith poderia matá-los. "Você está fora de si".

*Por isso o meu time está morto. Ele quer transformar o mundo em coisas como Kinneson e Steve.*

Griffith se dirigiu a David. "E você está morto. Você não vai estar aqui quando o meu milagre abençoar esta terra, eu, eu – o deprivo do meu presente, vocês dois! Quando o sol nascer amanhã, haverá paz, e nenhum de vocês jamais conhecerá um segundo dela!".

Ele olhou para Steve. "Ponha-os na câmara de ar, agora!".

Steve ergueu a arma de novo, indo na direção da abertura, onde o corpo sem vida de Karen estava caído no chão ensangüentado.

*Ele está fora do alcance, não dá para pegar a arma a tempo* – "Steve, agora! Mate-os se não forem!".

David e Rebecca cruzaram a comporta. David tinha que fazer algo ou o mundo seria infectado pelo sonho desse maníaco psicótico – Steve fechou a comporta.

Eles estavam presos.

Griffith estava furioso, tremendo com ódio enquanto a comporta se fechava. Eles não *viram*, eles não entenderam nada?

Ele olhou para o jovem Steve, a raiva tentando levá-lo à loucura, fazê-lo vomitar, fazê-lo *matar* – "Ponha essa arma na sua cara feia e puxe o gatilho, morra, morra, *morra*!".

Steve ergueu a arma.

Rebecca gritou, batendo seus punhos na grossa porta de metal.

*Não-não-não-não –*

*BOOM!*

O barulho do tiro calou os gritos dela. Steve caiu na base da porta, impiedosamente fora de visão.

*Ele já estava morto, não era mais o Steve.*

"Jesus...". David falou, e Rebecca levantou os olhos, vendo o olhar selvagem e cruel de Griffith – e de repente Griffith sorriu, um brilhante e triunfante sorriso. Rebecca olhou nos azuis olhos dele e percebeu que nunca odiou de verdade.

*Seu desgraçado miserável.*

Ele lhes contou seu plano, mas naquele segundo, o pensamento era grande demais para ela medir. Tudo o que ela conseguia pensar era que ele já tinha matado Karen e John, e agora Steve – e ela não queria mais nada além de destruí-lo.

Griffith foi para o painel ao lado da porta e começou a apertar os botões, ainda sorrindo. Houve um pesado clank vindo do chão gradeado – e água começou a entrar, drenada das frias e escuras águas do mar que pressionava a comporta externa. A câmara de ar era grande o bastante para ela e David ficarem longe do corpo ensangüentado de Karen. A água estava avermelhando, vindo de uma abertura escondida, cobrindo seus pés e os dedos de Karen.

*Um minuto, talvez menos...*

No laboratório, Griffith estava apoiado numa mesa na frente deles, braços cruzados e olhando. Atrás dele, o cenário da morte – Kinneson, John e os cilindros de metal cheios do mal de Griffith.

*Nós temos que fazer alguma coisa!*

Rebecca virou para David desesperada, rezando para que ele tenha algum plano – mas só viu resignação e dor nos olhos dele, enquanto olhava o corpo de Karen.

"David –".

"Eu sinto muito". Ele disse. "Tudo culpa minha...".

As mãos de Karen já flutuavam, seu curto cabelo loiro boiando ao lado de seu rosto. Rebecca agarrou o trinco da porta – em vão. A fria água entrou nos seus sapatos, sob seus pés, escuridão.

"Se eu não tivesse sido tão egoísta... Rebecca, eu sinto muito, você tem que acreditar que eu nunca –".

No ápice da histeria, ela agarrou os ombros dele, gritando. "Tá bom, você é um idiota, mas se Griffith soltar aquele vírus, milhões de pessoas vão morrer!".

Por um segundo ela achou que ele não tivesse escutado – e então, seus olhos afiaram. Ele olhou rapidamente para o pequeno compartimento e ela pode ver sua mente pensando. Aço, comportas impermeáveis; uma jaula do outro lado da porta externa, como aquelas de tubarão, dois metros de altura; água fria já nos joelhos, os braços e a cabeça de Karen flutuando.

"As portas são de aço, as janelas tem duas polegadas de espessura – se a comporta externa abrir, lá está a jaula".

Ele olhou nos olhos dela, os seus com frustração e raiva – e balançou a cabeça.

Ela soltou seus braços, começando a tremer de frio. David se aproximou e colocou seus braços em volta dela.

"Sorte sua de me conhecer". Ele disse, esfregando os braços de Rebecca assim que os dentes dela começaram a trepidar, assim que a água alcançava suas coxas, assim que a mão de Karen encostava na sua perna – *Sorte. Karen*.

O coração de Rebecca passou a funcionar em meia batida.

David a segurou fortemente, desejando um milhão de coisas, sabendo que era tarde demais para eles. Ele viu Griffith, que ainda olhava, ainda sorria.

*Assassino* – De repente, Rebecca estirou-se contra seu peito. Ela o empurrou e agarrou o corpo de Karen, seus dedos procurando freneticamente dentro do colete da mulher morta. Rebecca riu, uma brilhante e alegre risada – *ela ficou louca* – e tirou um escuro e redondo

objeto de um dos bolsos de Karen. David viu o que era e sentiu um puro espanto correr em seu corpo.

"Ela carregava isso para dar sorte". Rebecca disse rapidamente. "Está viva".

David pegou a granada e a segurou atrás das costas, seus pensamentos fluindo novamente, a água em sua cintura e quase no peito de Rebecca. – *a porta externa abre, puxar o pino, entrar na jaula, segurar a comporta fechada*.

Mesmo assim eles morreriam. Mas se eles conseguissem passar para o lado de fora, eles não iriam sozinhos.

# CAPÍTULO 9

Griffith via a água subir. Seus pensamentos já voltados para o amanhecer e para o problema de carregar pesados cilindros escada acima.

O par estava fingindo um belo show. A garota nervosa com o Britânico; o olhar desesperado para sair dessa situação. O abraço final, depois o pânico – a garota agarrando a infectada, o Britânico falando com ela, preocupado com sua loucura mesmo com a água em seu jovem peito.

*Triste, tão triste. Eles nunca deviam ter vindo.*

Agora o homem a está levantando, pateticamente trabalhando para prolongar o inevitável assim que a água cruzava o vidro. Depois de mortos, ele soltaria a jaula, dar um banquete aos Leviathans antes de libertá-los de novo, livres para nadar e viver seus dias em paz.

O corpo flutuava através da janela, e os dois invasores se posicionavam entre as comportas, lutando para respirar o que restava de ar.

Aconteceu de repente, ele nunca se preocupou em saber quem eles eram, quem os mandou...

*... e isso não importava agora, certo?*

A câmara encheu. A luz no painel de controle mostrou que a porta externa foi aberta. Estava acabado – exceto por eles estarem se movimentando para sair, nadando para dentro da jaula – e algo pequeno caindo enquanto eles fechavam a porta atrás deles – Griffith franziu e – *BOOM!*

Ele só teve tempo de registrar descrença, antes da comporta golpear seu corpo e a torrente de água tirar sua respiração.

Quando a granada explodiu, tudo aconteceu muito rápido para Rebecca pensar. Só houveram desagradáveis sensações de terror.

Uma brilhante luz apareceu antes da porta ser arrancada. Milhões de bolhas surgiram como

balas. Uma incrível pressão parecia se propagar em negras e frias ondas sob um abafado e estranho som.

Ela chutou, chutou e chutou, e suas pernas começaram a enfraquecer. As bolhas a levaram para cima – ar, um suave ar bateu em seu agonizante rosto. Ela bebeu convulsivamente, respirando, tomando goles da coisa, ainda não pensando em nada. Mas seu corpo pensava, o cheiro de sal, as ondas balançando, um alto e envolvente zumbido – *CRASH!*

Uma forte onda a empurrou, levando água ao seu nariz enquanto litros da mesma choviam em sua cabeça.

Rebecca respirou, sua mente conectada ao seu corpo novamente.

*David! O que* –"Rebecca!". Uma chocada voz veio de algum lugar no escuro. O zumbido estava claro agora, era – *CRASH!*

Outra onda a atingiu, tentando sufocá-la como Griffith tentou e não conseguiu. Quando o chuvisco acabou ela viu a luz – finos raios cortando a escuridão.

Era um barco. Um poderoso motor soava enquanto a embarcação se aproximava dela.

"Rebecca!". O desesperado chamado de David veio de sua esquerda.

"Estou aqui -".

*CRASH!*

Desta vez, ela pode ver o impacto. Ela viu a grande coluna de água contra os raios de luz, antes dela atingir suas costas. Ela tentou respirar mas a coluna a atingiu, colidindo no agitado mar.

*Umbrela?*

O barco estava a menos de trinta metros quando o motor foi desligado. Alguém se debatia por perto – e as luzes se moveram, achando David não muito longe.

Uma voz masculina veio do barco que passou a se mover lentamente na direção deles. "Aqui é o Capitão Blake do S.T.A.R.S. da Philadelphia *(Nota 11)*! Identifiquem-se!".

S.T.A.R.S.?

Blake continuou, sua voz mais alta com o barco mais perto. "A água não é segura! Nós vamos tirá-los daí!".

"Trapp, David Trapp, Exeters, e Rebecca Chambers -". David disse.

Quando Blake falou de novo, disse a coisa mais maravilhosa, as mais bonitas palavras que Rebecca já escutou.

"Burton nos enviou para achá-los! Esperem!".

*Barry. Oh, graças a Deus, Barry!*

Exausta e espiritualmente desgastada, Rebecca ainda tinha força suficiente para sorrir.

Foi quando ela ouviu um leve gemido atrás dela.

* * *

Estava escuro, tingido de vermelho e um eco de dor. Naquela escuridão, não havia ego e paz; ele estava sozinho e ativo na batalha para encontrar o fim da ausência de luz. Ele sabia que encontrar o fim era importante, mas a confusão de imagens assustadoras bloqueavam o seu caminho, insistindo que ele não precisava se apressar. Um fantasma, uma fúria. A risada de uma mulher que não era mais uma – a luz que se apagou numa explosão de fogo e som.

A confusão o chamava para explorar profundamente e desistir de sua busca pela luz. Ele quase desistiu de lutar, deixar as sombras o dominarem – quando a luz o encontrou numa incrível explosão.

Então ele foi atirado no gelado e escuro líquido. O ar coalhou em seus pulmões e o forte frio aliviou sua dor – mas depois ele pode respirar, e o dentado pedaço de madeira debaixo de suas mãos lhe disse que, de fato, havia luz.

Ele não estava morto, apesar de quase ter desejado isso – ele dificilmente podia respirar, e a dor nas suas costas era esquisita – e então, ele ouviu a voz de David no meio do nada.

Ele tentou chamar, mas tudo o que conseguiu foi um exausto gemido. Houve um flash de luz

– e escuridão novamente. Mas houve tempo para ele entender o que estava acontecendo. Dor e movimento, uma sensação de leveza e depois um aperto em sua bochecha. Um calafrio e mais movimento, o som de roupa e papel rasgando, vozes dando ordens. Quando ele voltou a si, viu uma sombra num colete do S.T.A.R.S., curvando-se sobre ele, com uma agulha numa mão.

*Tomara que seja morfina*, ele tentou dizer mas, de novo, só gemeu.

Um segundo depois, viu duas manchas pálidas flutuando sobre ele, enquanto a sombra do S.T.A.R.S. trabalhava com mornas e gentis mãos. As manchas eram David e Rebecca, olhos escuros, cabelos pingando, faces cansadas e perdidas.

"Você vai ficar bem, John". David disse suavemente.

"Agora descanse. Está tudo acabado".

Ele sentiu uma quente sensação em seu corpo que mandou a dor para bem longe. Ele olhou para os olhos de

David e tentou dizer o que mais queria. Custou muito, mas precisava ser dito.

"Vocês dois parecem algo que um coiote comeu e depois cagou". John cochichou. "É sério...".

John entrou numa confortável escuridão, ouvindo um suave som de risadas.

A médica de meia idade do S.T.A.R.S. levou John para uma pequena cabine do barco de dez metros, voltando só para dizer que tudo está bem. Duas costelas quebradas, alguns cortes profundos e um pulmão perfurado. Um helicóptero já foi acionado e virá em breve. A médica parecia confiante sobre a recuperação completa de John.

David chorou um pouco com a notícia, sem ficar nem um pouco envergonhado.

Eles sentaram na popa do barco, debaixo de um cobertor de lã enquanto Blake e sua equipe continuavam posicionando cargas, indo e voltando pela angra. O pessoal de Pensilvânia já trouxe para cima quatro das criaturas gigantes, antes de ver a explosão de ar e escombros que vieram do laboratório.

David tinha seu braço em volta de Rebecca, ela apoiada em seu peito assim que o escuro céu ficava suavemente azulado. Nenhum deles falou, cansados demais para fazer algo além de

observar a equipe trabalhando. Blake prometeu enviar mergulhadores lá embaixo assim que John for levado e a angra estiver limpa.

Já tinham duas roupas de mergulho no convés do barco. Um jovem Alpha, cujo nome David havia esquecido, estava preparando os equipamentos. Ele lembrava Steve...

O pensamento sobre Steve não trouxe o tipo de dor que David esperava. Dói, dói como o inferno – Karen e Steve se foram – mas quando ele pensou no que eles conseguiram impedir, do que fizeram parte...

*... não foi em vão. Nós acabamos com o sonho maluco de Griffith, evitamos que ele matasse milhões de inocentes. Deus, eles ficariam tão orgulhosos...*

A dor era ruim, mas a culpa não foi tão devastadora. A responsabilidade por suas mortes era algo que ele terá de conviver.

Os pensamentos de David se voltaram para a Umbrela, para que função eles jogaram com Griffith. A Umbrela criou a situação para que isso acontecesse; a completa indiferença pela vida humana só pode ser encorajada por alguém como Griffith. E sem a Umbrela, o cientista nunca teria tido acesso ao T-virus...

*Algum dia, eles pagarão por tudo o que fizeram. Não hoje ou amanhã, mas em breve...*

Talvez Trent os ajude de novo. Talvez Barry, Jil e Chris descubram mais em Raccoon. Talvez – Rebecca se inclinou mais nele, e David deixou seus pensamentos irem embora, contente por estar sentado e sem pensar em nada. Ele estava muito, muito cansado.

Assim que os primeiros raios de sol apareceram no horizonte, Blake declarou as águas limpas, sendo que David e Rebecca não o ouviram; ambos tinham caído num profundo e calmo sono sob o nascer de um novo dia.

# EPÍLOGO

A sala de reuniões era quieta e elegante. Três homens sentaram à grande mesa de carvalho. Um quarto estava de pé na janela, olhando pensativamente para fora, para o céu matutino. O homem na janela podia ver os outros refletidos no vidro, sem que eles percebessem. Por mais afiados que eram politicamente, eles eram meio tolos sobre o que acontece a sua volta.

Depois da conferência por telefone, o homem que sempre vestia azul falou primeiro, dirigindo-se ao velho homem de bigode.

"Você precisa discutir as ramificações disso?". Azul perguntou.

Bigode respondeu. "Eu acredito que o relatório já as cobriu". Disse levemente.

O bebedor de chá interrompeu, batendo seu copo na mesa. O quente líquido derramou pelos lados, distorcendo o pequeno símbolo da Umbrela que o adornava.

"Eu não acho que é uma boa idéia subestimar a magnitude disso... dificilmente". Chá disse. "Particularmente não com a atual instabilidade...".

Azul acenou. "Eu concordo. Coisas como esta podem sair do controle. Primeiro o secundário em Raccoon, agora o de Caliban –".

Bigode interrompeu. Azul propriamente embaraçado, limpando a garganta.

"Isto é, eu acho que deveria haver uma investigação mais completa sobre esses problemas. Você não acha Sr.

Trent?".

O homem da janela se virou, imaginando como essas pessoas conseguiram chegar onde estão. Ele não sorriu, sabendo que isso os incomodava.

"Eu receio ter que voltar nisso". Trent disse friamente.

"Claro, leve o tempo que quiser. Sem pressa, senhores, não estou certo?".

Sem outra palavra, Trent virou e andou para fora da sala, exteriormente tão preciso e intimidador quanto eles esperavam, quanto eles queriam.

Internamente, ele queria saber quanto tempo esse jogo vai durar.

* * *

(Nota 1) Cider District – Bairro Cider (Cidra).

(Nota 2) Raccoon Forest – Floresta que fica nos limites de Raccoon City.

(Nota 3) Maine – Estado que fica na costa leste dos E.U.A.

(Nota 4) Bangor – Cidade do estado de Maine.

(Nota 5) Rádio e Ulna – Ossos que compõem o antebraço.

(Nota 6) Sinapse – Relação de contato entre os detritos das células nervosas.

(Nota 7) Esquife: Sinônimo de "caixão" (fúnebre).

(Nota 8) Idaho – Estado dos E.U.A.

(Nota 9) Pavlov – Fisiologista russo, ganhador do prêmio Nobel.

(Nota 10) Têmpora – Cada uma das duas porções laterais, superiores da cabeça.

(Nota 11) Philadelphia – (Filadélfia) Cidade à noroeste dos E.U.A., no estado da Pensilvânia.